



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PABLU PEREIRA DE ANDRADE

**TRADIÇÃO NA “TERRA DOS MÚSICOS E SACERDOTES”: UM ESTUDO
SOBRE A PRESERVAÇÃO CULTURAL DA BANDA DE MÚSICA JESUS,
MARIA E JOSÉ DE 1914 A 2000**

**CAJAZEIRAS - PB
2018**

PABLU PEREIRA DE ANDRADE

**TRADIÇÃO NA “TERRA DOS MÚSICOS E SACERDOTES”: UM ESTUDO
SOBRE A PRESERVAÇÃO CULTURAL DA BANDA DE MÚSICA JESUS,
MARIA E JOSÉ DE 1914 A 2000**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em História, do Centro de Formação de
Professores (CFP), da Universidade Federal de
Campina Grande (UFCG) como requisito
obrigatório para obtenção de nota da disciplina
TCC.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa

**CAJAZEIRAS - PB
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

A553t Andrade, Pablu Pereira de.

Tradição na “terra dos músicos e sacerdotes”: um estudo sobre a preservação cultural da banda de música Jesus, Maria e José de 1914 a 2000 / Pablu Pereira de Andrade. - Cajazeiras, 2018.

95f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Música religiosa - Paraíba - história. 2. Banda de música Jesus, Maria e José. 3. Igreja católica. 4. Tradição. 5. Cultura musical católica. 6. História local. 7. Uiraúna-PB. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP

CDU - 783(813.3)(091)

PABLU PEREIRA DE ANDRADE

**TRADIÇÃO NA “TERRA DOS MÚSICOS E SACERDOTES”: UM ESTUDO
SOBRE A PRESERVAÇÃO CULTURAL DA BANDA DE MÚSICA JESUS,
MARIA E JOSÉ DE 1914 A 2000**

APROVADO EM 11/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Silvana Vieira de Sousa

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa (UFCG/CFP)
Orientadora

Israel Soares de Sousa

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (UFCG/CFP)
Examinador interno

Nadja Claudinale da Costa Claudino

Profa. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino (SÊEPB)
Examinador externo

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira (UFCG)
Examinador suplente

CAJAZEIRAS - PB
2018

AGRADECIMENTOS

Diante desta minha trajetória acadêmica, não poderia deixar de expressar os meus sinceros agradecimentos a pessoas que sempre me apoiaram direta e indiretamente e cooperaram para que eu chegasse a concluir um dos meus objetivos.

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família que sempre esteve em apoio e torcida para que eu concluísse essa graduação, e agradeço especialmente aos meus avós Geraldo Moisés e Dona Margaria que sempre me aconselharam e me acolheram no momento mais difícil da minha vida, me dando conforto, segurança e um lugar onde eu pudesse chamar de lar.

Agradeço também ao meu pai que teve a preocupação de acompanhar a maioria das etapas da minha graduação e de financiar meus estudos em determinados momentos.

Agradeço aos meus tios em geral, mas em especial a tia Sarinha e Moisés que sempre se preocuparam comigo e me ajudavam nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha namorada e companheira Daliane Nascimento por sempre me ouvir e me aconselhar, para que eu sempre estivesse tomando as melhores decisões. Era a pessoa que sempre estava ali para me confortar nos momentos de desespero e que mesmo nos momentos mais difíceis estava com um sorriso no rosto.

Agradeço a meus amigos Iarlyson cabeludo, Célio cana e Bruno safadão, eternos “Panacas” que estavam do meu lado o tempo todo na universidade com todas as brincadeiras e companheirismo sincero que era demonstrado e que nunca esquecerei.

Agradeço a toda equipe de funcionários da UFCG que me ajudaram bastante no decorrer desse processo acadêmico. Ao corpo docente magnífico a qual tive a honra de conviver e aprender com eles, e em especial a minha orientadora Silvana Vieira de Sousa que sempre esteve presente para me responder às minhas dúvidas e me orientando por ligações, redes sociais e por e-mail sempre com total profissionalismo, além de cobrar continuamente os prazos de entrega e correções da monografia, fazendo com que fosse possível concretizar esse sonho.

Agradeço também aos meus padrões Junior Costa e Ajailson Figueiredo que me deram uma oportunidade no momento que eu mais estava necessitando, e que a partir disso consegui a minha independência financeira e pude financiar os meus estudos.

Agradeço aos músicos da banda Jesus, Maria e José e aos professores de música da Escola Manoel Israel pelos ensinamentos e lições musicais, me preparando para ser um dos músicos da banda e em especial aos entrevistados que dedicaram um pouco do seu tempo e experiências para colaborar com o desenvolvimento dessa pesquisa.

A todos o meu mais sincero obrigado, com certeza sem o apoio de cada um de vocês eu não chegaria até aqui.

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar o processo histórico de formação e o papel desempenhado pela banda de música Jesus, Maria e José na cidade de Uiraúna-PB. A banda Jesus, Maria e José fundada em 1914 continua ativa até os dias de hoje, mantendo a tradição das músicas militares, populares e atuais. A cidade de Uiraúna é conhecida e nomeada por seus habitantes como “A terra dos músicos e sacerdotes” (trecho que compõem o título do nosso trabalho), que recebe esse nome justamente por ter uma tradição cultural ligada à música e também ao sacerdotismo, e ao elevado número de praticantes dessas artes. Durante muito tempo a banda Jesus, Maria e José foi vinculada a igreja católica da Sagrada Família “Jesus, Maria e José”, sendo que no ano de 1966 ela se torna independente da igreja, após a criação da Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna (SODAU). Esse processo de separação da banda Jesus, Maria e José da igreja católica é também o nosso foco de estudo do que percebemos como a preservação dessa cultura musical. Para tanto, consideramos como recorte temporal de 1914 até 2000. Assim possuímos os seguintes questionamentos: Quais os motivos que ocasionaram a separação da banda e a igreja? Como a igreja ministrava a banda? O que motivou a criação da SODAU? O que o SODAU trouxe de diferencial a banda? Essa independência foi algo positivo ou negativo para manter a cultura musical de Uiraúna? Qual o papel da escola de música da cidade? Para cumprirmos nosso intuito, analisaremos entrevistas feitas aos membros mais antigos da banda em questão. Para fundamentar teoricamente esse trabalho, utilizamos os estudos de Moraes (1983), Tinhorão (1997), Cardoso (2005), Moreira (2008), Abreu (2011), Silva (2011), entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Banda de Música Jesus, Maria e José. Igreja. Tradição. Cultura musical católica. História local. Uiraúna-PB.

ABSTRACT

This research aims to analyze the historical formation process and the role played by Jesus, Mary, and Joseph band in Uirauna-PB. The band Jesus, Mary, and Joseph founded in 1914 continues active until the present day, maintaining the tradition of military music, popular and current. Uirauna is known and named by its inhabitants as "the land of musicians and priests" (excerpt that composes our title work), it receives this name precisely because it has a cultural tradition linked to music and also to the priestly, and to the high number of practitioners of these arts. For a long time, Jesus, Mary, and Joseph band were linked to the Catholic church of the Holy Family "Jesus, Mary, and Joseph"; in 1966, it becomes independent of the church, after the creation of the Society of Artistic Diffusion of Uirauna (SODAU). This process of separation of the band Jesus, Mary, and Joseph of the Catholic Church is also our focus of the study of what we perceive as the preservation of this musical culture. For this, we consider as a temporal cut from 1914 to 2000. Thus, we have the following questions: What are the reasons that caused the separation of the band and the Church? How did the church minister to the band? What motivated SODAU to be created? What did SODAU bring from differential to band? This independence was anything positive or negative to maintain the musical culture of Uirauna? What is the role of the city's music school? To carry out our intention, we will analyze interviews made to the oldest members of the band in question. To substantiate this work theoretically, we utilized the studies of Moraes (1983), Tinhorão (1997), Cardoso (2005), Moreira (2008), Abreu (2011), Silva (2011), among other authors.

Keywords: Jesus, Mary, and Joseph band. Church. Tradition. Catholic musical culture. Local history. Uirauna-PB.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Padre Manoel Vieira de Costa e Sá	22
Imagem 2: Um dos primeiros locais de ensaio da banda de Uiraúna (nos fundos da igreja matriz)	28
Imagem 3: Bandeira do município de Uiraúna/PB	36
Imagem 4: Brasão da cidade de Uiraúna	37
Imagem 5: Praça dos músicos: Zequinha Correia	38
Imagem 6: Alunos da escola de música na sede da banda	44
Imagem 7: Troféus da banda de música Jesus, Maria e José	49
Imagem 8: Aniversário de 85 anos da banda Jesus, Maria e José (1999)	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A MÚSICA NO ÂMBITO RELIGIOSO BRASILEIRO	16
1.1 Banda Costa Correia: O início de uma tradição na terra de Belém	20
1.2 Banda Jesus, Maria e José: o retorno da música na Igreja de Uiraúna	27
CAPÍTULO 2: UM NOVO TEMPO NA HISTÓRIA DA BANDA JESUS, MARIA E JOSÉ: A CRIAÇÃO DA SODAU (SOCIEDADE DE DIFUSÃO ARTÍSTICA DE UIRAÚNA) NA DÉCADA DE 1960 A 2000	33
2.1 A importância da escola de música para a preservação de uma tradição cultural ...	39
CAPÍTULO 3: VOZES E VOZES DOS MÚSICOS DA BANDA JESUS, MARIA E JOSÉ	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
FONTES	57
FONTES ORAIS (ENTREVISTAS)	58
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se situa no campo da história social e mais especificamente no campo da história cultural. É a partir desse campo de definição teórico, que trataremos da importância da cultura e das tradições existentes na vida e sociedade de Uiraúna. De acordo com Burke (2005, p. 25):

A ideia de cultura implica a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte. Como múltiplas tradições podem coexistir facilmente na mesma sociedade — laica e religiosa, masculina e feminina, da pena e da espada, e assim por diante — trabalhar com a ideia de tradição libera os historiadores culturais da suposição de unidade ou homogeneidade de uma “era” — a Idade Média, o período do Iluminismo ou qualquer outra.

Portanto, quando estamos tratando de cultura, também, falamos de tradição e, conseqüentemente, pensamos em algo que pode representar e caracteriza os costumes de um lugar, sendo que, esses costumes podem variar de uma região para outra. Assim, em nosso estudo, dentro desse campo cultural, daremos destaque à cultura musical, ao elegermos como objeto de estudo. Sendo assim, nesse trabalho trataremos de uma arte musical particularmente enraizada na tradição e contexto histórico das bandas filarmônicas da cidade de Uiraúna na Paraíba.

Para entendimento da cultura musical compartilhamos do posicionamento de Moraes (1983, p. 07), segundo o qual: “música é, antes de mais nada, movimento. É sentimento ou consciência do espaço-tempo. Ritmo, sons, silêncios e ruídos; estruturas que engendram formas vivas”. Ou seja, a arte é visivelmente uma maneira de demonstrar os sentimentos através de expressões e sons.

As bandas filarmônicas surgem na Europa no final do século XVIII, se generalizando no século XIX, onde segundo Carvalho (2009, p. 02):

Nesse contexto e mais tarde surgem as fanfarras, constituídas por instrumentos de embocadura e de percussão, usadas pelos militares. Também, aqui, surge a necessidade de evoluir e criam-se as Bandas militares, que, em parte, acabaram por ser a fonte de recrutamento e de inspiração para as filarmônicas. Aquelas cada vez mais eram constituídas por músicos profissionais e estas por amadores; umas, mais urbanas; e outras, mais rurais, verdadeiras Escolas de Música.

Podemos observar que as bandas filarmônicas teriam sido criadas e inspiradas a partir das bandas militares, mas para abranger outro tipo de público. Geralmente, essas bandas

eram compostas por civis e entre esses muitas vezes analfabetos, o que era o contrário das bandas militares, que eram compostas por músicos profissionais e bem estudados.

De acordo com Carvalho (2009, p. 09) sobre as bandas filarmônicas “[...] no passado, elas serviam para democratizar a arte, cumprindo uma nobre função social, cada vez mais elas são meios dinamizadores culturais com funções socioeconômicas de grande valor que urge saber aproveitar e incentivar”. Assim, podemos notar que, as bandas tinham um caráter tanto de socialização quanto de instrução para essas pessoas, civis de diversas áreas e comunidades onde geralmente não tinham nenhum tipo de instrução escolar e viviam em comunidades da zona rural.

Nesse contexto, a cidade de Uiraúna é um exemplo quando se trata de tradição cultural musical, já que é conhecida por seus conterrâneos e por aqueles que conhecem a história da cidade como “terra dos músicos e dos sacerdotes”, título esse que foi obtido devido a grande quantidade de músicos e sacerdotes que havia na cidade.

A música se tornou uma tradição na cidade, e o número de bandas e músicos vêm crescendo consideravelmente com o tempo. Em relação à parte cultural da cidade e em específico às bandas filarmônicas, podemos destacar a banda de música Jesus, Maria e José como referência maior de tradição e cultura, pois a mesma possui uma longa história de tradição e costumes que foram passados por diversas gerações de músicos, e que por conta disso tornou-se objeto de estudo principal para o desenvolvimento desse trabalho.

Como se trata da primeira banda filarmônica fundada em Uiraúna, tendo hoje 104 anos de existência e que continua em funcionamento até os dias de hoje, iremos analisar o período de sua história, desde o início de sua fundação no ano de 1914, para entender sob quais circunstâncias essa banda foi criada, estendendo essa pesquisa até o ano 2000, analisando o que era feito para a preservação e melhoria dessa banda na cidade por parte da Igreja Católica que foi sua fundadora.

É indispensável falar sobre as escolas de músicas desde esse período de 1914, pois como as escolas de música são os locais que são selecionados os alunos para aprender e futuramente ingressar na banda de música filarmônica, conseqüentemente é uma forma existente de preservação de uma cultura e da tradição na cidade, já que é a partir do ensino de música que ocorre uma troca de conhecimentos e que formará novas gerações de músicos que contribuirão para dar continuidade a essa tradição.

Outro ponto relevante referente à escola de música da época é a questão social. Existia uma séria de regras que eram postas para seleção de membros que integrariam a

escola de música e na banda de música. Regras estas que foram mudando com o tempo e trouxeram várias consequências na música de Uiraúna.

Também é indispensável analisar nessa pesquisa a religiosidade e a figura presente da Igreja Católica na cidade. A população da cidade era muito devota e religiosa, então a Igreja sempre contava com o apoio das pessoas para ter êxito em seus projetos. Desde a fundação da primeira banda filarmônica em Uiraúna, que antes se chamava Costa Correia e na década de 30 passou a se chamar Jesus, Maria e José, Até o final da década de 1950, ocorreram muitos acontecimentos importantes na história dessa banda filarmônica, mas foi na década de 1960 que foi criada a SODAU (Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna), que é uma espécie de organização que cuidava dos interesses e da preservação da cultura musical na cidade de Uiraúna. Com a criação da SODAU, ocorreram várias mudanças na atuação da banda filarmônica Jesus, Maria e José, inclusive sua independência da Igreja, portanto, nesse trabalho temos as seguintes questões de pesquisa:

Como objetivo principal temos: analisar os mecanismos de suporte que possibilitaram manter viva essa tradição na cidade desde o seu período de criação pela Igreja, que foi responsável por custear e preparar a banda de música até a década de 60, e período da década de 1960 até 2000 onde a SODAU (Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna) passou a ser responsável pela organização e preservação dessa banda tornando-a independente da Igreja Católica.

Para entender todo esse contexto de preservação e tradição, iremos analisar a atuação e como era a inclusão de novos membros na banda de música através da escola de música dos dois períodos. Entender a importância das escolas de música para continuação das novas gerações de músicos o processo de ensino aprendizagem nessas escolas.

Por fim, serão discutidos e apresentados os dados obtidos com essa pesquisa, para entender esse processo de mudanças ocorridas que influenciaram em todo esse processo de preservação dessa história e cultura da banda Jesus, Maria e José que acabou tornando-se uma tradição viva na “terra dos músicos e sacerdotes”.

Através de pesquisas realizadas no banco de dados da UFCG e em contato outros estudantes, tivemos conhecimento de cinco pesquisas elaboradas até hoje que tratam da questão cultural e religiosa da cidade ou que inserem a banda Jesus, Maria e José no seu desenvolvimento. Dentre estas, faremos uso de apenas três que se mostram essenciais para a fundamentação dessa monografia.

Silva (2011) que escreveu o trabalho monográfico intitulado: Uiraúna – PB, “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”: Discursos e representações (1970). A autora fala sobre

como surgiu esse rótulo que caracteriza a cidade em questão e como a religiosidade está presente entre as pessoas que eram devotas e religiosas. Além disso, retrata a questão da representação artística a partir do ponto de vistas de alguns músicos conhecidos na cidade. Não existe um foco em relação a cultura da cidade ou como essa cultura influenciou a sociedade desenvolvendo a tradição das bandas de música, e sim, na parte religiosa que foi bastante abordado pela autora.

A cultura e influência musical na cidade de Uiraúna foi abordada estudada por Freitas (2017) que escreveu o trabalho monográfico intitulado: Uiraúna'PB “ Terra dos Músicos”:
Influência da banda Filarmônica Jesus, Maria e José na sociedade uiraunense (1960-1980), em que relata como as bandas de música da época influenciavam na sociedade e de que forma existia uma intervenção musical naquele meio.

Por fim, mas não menos importante, temos Cardoso (2005) que escreveu uma dissertação intitulada: Lourival Cavalcanti e o Universo das bandas de música, que retrata sobre a vida de um músico bastante conhecido no alto sertão potiguar que teve passagem pela banda de música Jesus, Maria e José na cidade de Uiraúna. Em sua pesquisa ele analisa a história da banda em questão e discorre sobre o ensino de música a partir das entrevistas com músicos da época.

Dessa forma, considerando os trabalhos apresentados, percebemos que o foco maior dessas pesquisas são as representações dessa cultura para a sociedade ou como a cidade em questão obteve esse rótulo que a representa. O que difere a nossa pesquisa das demais serão as abordagens dos assuntos pouco discutidos ou pouco comentados trazendo um debate sobre os momentos históricos da história da banda Jesus, Maria e José de acordo com as opiniões dos entrevistados como por exemplo, a importância da escola de música de diferentes épocas e sua composição para a qual era feita uma seleção de novos integrantes seguindo uma série de regras.

Sendo assim, ressaltamos a necessidade de estudar um tema pouco abordado e de grande valor para a historiografia e cultura da cidade de Uiraúna, um tema que pode também ajudar futuros trabalhos e gerar novas discussões sobre a banda de música em questão e de outras bandas que podem se identificar em determinadas situações.

No primeiro capítulo intitulado: *Uma breve discussão sobre a música no âmbito religioso brasileiro*, abordaremos uma discussão sobre como originou-se a música no cenário brasileiro pós colonização, a partir de três tipos de músicas de origens distintas, e a partir disso analisar como a igreja fazia uso desses estilos musicais. No segundo momento desse capítulo analisaremos a fundação da primeira banda de música em Belém do

Arrojado, entendendo quais eram os objetivos dessa banda e a importância da mesma no cenário cultural da cidade.

No segundo capítulo intitulado: *Um novo tempo na história da banda Jesus, Maria e José: A criação da SODAU (Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna) na década de 1960 a 2000* iremos analisar a reativação da banda que teve uma parada em 1927 e ativação em 1930, buscando analisar as condições em que se encontravam a banda em questão que era financiada pela igreja católica e também a separação dessa banda com a criação da SODAU (Sociedade de Difusão artística de Uiraúna) na década no ano de 1966 buscando valorização e incentivo para poder dar continuidade a suas atividades.

No segundo momento desse capítulo iremos analisar a importância da escola de música em Uiraúna para a formação de novos membros para a banda Jesus, Maria e José e para a preservação dessa tradição musical que vem se mantendo ativa até os dias de hoje.

Por fim, no terceiro capítulo denominado: *Vozes e vozes dos músicos da banda Jesus, Maria e José* iremos analisar as entrevistas realizadas com alguns dos músicos mais antigos da banda, entendendo seus discursos a respeito da música e da cultura em suas vidas e também a valorização da banda Jesus, Maria e José na sociedade Uiraunense.

CAPÍTULO 1: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A MÚSICA NO ÂMBITO RELIGIOSO BRASILEIRO

A música no âmbito religioso brasileiro vem sendo utilizada desde a época de colonização do Brasil pelos portugueses, e ela teve um papel muito influente na formação de opiniões sociais e na catequização. A música foi uma ferramenta fundamental da Igreja e dos catequizadores cristãos, e ao longo dos séculos a música vem se renovando e se adequando a cada período histórico.

Podemos dizer que a música ainda tem um papel muito importante nos atos religiosos até os dias de hoje. De acordo com Abreu (2011, p. 28) “É importante partir do pressuposto que a música do Brasil foi composta inicialmente por três raízes principais: a indígena, a africana e a europeia”, ou seja, a música brasileira vai se construir e se moldar a partir de origens distintas e em cada época poderemos notar a aproximação desses estilos musicais na Igreja Católica, utilizados para fins religiosos.

Como coloca Abreu (2011, p. 28):

[...] é importante destacar que os povos indígenas passaram tão logo por processos de colonização e inserção na nova sociedade colonial, e a música foi um instrumento de singular importância nesses processos, havia ampla utilização dela como meio de controle eclesiástico. Os nativos participavam dos cultos e aos poucos incorporavam as práticas musicais europeias ensinadas pelos jesuítas, e muito embora os religiosos também utilizassem o material indígena como meio para a cristianização, seja adotando cantos indígenas como pano de fundo para as práticas de catequese, apenas substituindo os textos originais por textos religiosos, seja permitindo que os índios utilizassem suas danças em procissões, proporcionando assim, mesmo que involuntariamente, um diálogo entre as culturas, mais tarde, no entanto, as influências africana e europeia acabam por tirar o foco dessa participação nativa.

Como podemos ver, a música passou a ser utilizada pela Igreja católica desde os primórdios da colonização para catequização dos nativos brasileiros. Esses ditos cristãos e divulgadores de uma verdade cristã perceberam a força que a música possuía na formação social, e se apropriando dos rituais indígenas, as danças e os cantos diversos que eram introduzidos nas novenas da Igreja. Assim, de certa forma eles, os catequizadores e colonizadores, conseguiram introduzir parte da sua cultura musical àquele povo, se colocando frente aos mesmos por meios de uma maneira mais tolerável, ou mais amena, através da música.

Na Paraíba também foram realizadas tais práticas de catequização indígenas pelos Franciscanos¹. Eram sempre utilizadas metodologias que fossem possíveis para controlar os nativos que se revoltavam na maioria das vezes, e foi por meio da música que tais missionários e pregadores da religião encontraram a solução para minimizarem o campo de tensão e conflito que dificultavam sua colonização evangelizadora. Sendo assim, Lima e Goldfard (2009, p. 279) afirmam que:

Outro recurso usado na catequese dos indígenas foi a música. Os religiosos, percebendo a inclinação musical dos índios, impregnaram seus conceitos morais e religiosos, reformulando as letras das canções indígenas e transformando-as em letras cristãs.

Portanto, a música servia como uma forma de acalmar os índios, pois eles tinham uma vocação para a arte musical e era sempre presente o uso da música em seus rituais. Sendo assim, a música colocou-se como uma solução para implantação de uma nova cultura religiosa para uma população de nativos que era vista como ingênua e que precisava ser ensinada.

Nesse ponto de vista, Lima e Goldfard (2009, p. 275) acrescentam:

O suposto método de doutrinação dos franciscanos era considerado menos rígido em relação ao dos jesuítas², e isso, foi apontado como a principal causa da rivalidade entre essas duas ordens religiosas, pois muitos catecúmenos que estiveram sob os cuidados dos jesuítas, os abandonaram na busca por aquela outra forma de catequese.

A metodologia usada fazia toda a diferença para obter um o resultado desejado e foi isso que os Franciscanos visaram. Era muito mais prático para esses pregadores tentar adaptar as canções indígenas, tudo que precisavam fazer era selecionar uma melodia já pronta e conhecida por esses índios acrescentar uma letra que representassem a religião católica. Dessa forma, eles conseguiam aprender com mais facilidade e de uma forma menos agressiva.

A cultura musical de tradição afro também introduzida no meio religioso como forma de chamar a atenção dos fiéis e de acrescentar o sentimento de fé nas pessoas. No século XVIII, algumas igrejas no Brasil já faziam uso de grupos musicais em suas comemorações religiosas, mas com um estilo diferente denominado “música de barbeiro”. Ao se tratar do termo “música de barbeiro”, Tinhorão (1997) define como grupos de escravos que eram

¹ Também conhecida como ordem dos Frades Menores, é uma ordem criada por São Francisco de Assis que catequisou indígenas em diversas localidades do Brasil após sua colonização.

² Uma ordem religiosa da Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola. Foi criada como uma forma de barrar o avanço do protestantismo no mundo.

convidados a tocar nas folias, quadrilhas, entre outros lugares. Tinhorão (1997, p. 140) também aponta que “O primeiro som instrumental destinado ao lazer público das cidades no Brasil – aliás numa época em que ainda não existia música popular como hoje a entendemos – foi pelos meados do século XVIII o da chamada ‘música de barbeiros’.” Ele completa afirmando:

Transformados em fornecedores de música para festas de adro de igreja (a professora Marieta Alves encontrou na Igreja de N. S. da Vitória, na Bahia, recibo de pagamento de 1750 “por timbales, trombeta e oboé tocados na véspera da festa”), os músicos barbeiros chegariam ao século XIX compondo não apenas pequenos grupos chamados de “ternos”, mas verdadeiras bandas. (TINHORÃO, 1997, p.140)

Esses grupos musicais compostos por negros e mulatos passaram a ter um papel importante na sociedade, como uma atração que enriquecia as festividades, sejam elas religiosas ou de lazer social. Quando nos referimos a lazer social, estamos tratando principalmente dos encontros particulares ou dos eventos onde pessoas que possuíam maior influência na comunidade frequentariam por isso nem sempre os eventos que tinham o privilégio de ter uma atração artística poderia acolher pessoas de qualquer condição social.

Segundo Tinhorão (1997, p. 140), essas bandas de barbeiros “iam tocar nas portas das igrejas em palanques ou coretos preparados” já que na época “as bandas militares nunca saíam para esse fim, era contra a disciplina”.

O povo africano ou seus descendentes que preservavam as tradições no Brasil tinham culturas diferentes e ricas musicalmente, e isso foi fundamental na formação da música tradicional brasileira e na expansão e diversidade cultural. Essa música vinha sendo moldada a partir de culturas estrangeiras e introduzidas além de festas privadas, mas também no espaço religioso, essas músicas serviam como uma forma de marketing, pois atraía fiéis de diferentes localidades para participar das missas e novenas. Sendo assim, a música passou a ser uma ferramenta muito eficiente como uma ferramenta de atração e entretenimento da comunidade, já que, ela fazia com que as pessoas se socializassem e dividissem o mesmo espaço, buscando cada vez mais ouvintes.

Essa tradição da música afro-brasileira não se faz presente apenas no âmbito religioso católico, mas também em religiões como o Sincretismo de Umbanda e do Candomblé, que são tradições que permanecem vivas até os dias de hoje, e que também enriquecem a cultura brasileira.

Por fim, Abreu (2011, p. 29) afirma:

[...] a contribuição euro-brasileira, para o cenário musical que consideramos neste trabalho, é talvez a de maior expressão. Por tratarmos de um espaço de música institucionalizado, que serve majoritariamente aos eventos de religiosidade católica.

Mas também a música europeia tornou-se uma nova base musical, principalmente para as composições musicais religiosas. Desde o período colonial brasileiro, a música erudita estava circulando e serviu como exemplo e molde para os cantos religiosos. Os corais ou bandas vinculadas à Igreja passaram a aderir a esse tipo de melodia mais calma que se assemelhava mais ao ritmo das missas.

De acordo com Abreu (2011, p. 36):

O desenvolvimento da música religiosa na colônia, bem como a forte presença das irmandades promovendo esta prática, conferia ao músico um papel de importância singular dentro da sociedade, afastando de si a condição de vagabundo ou vadio. No entanto o músico não estava no topo da hierarquia social e era sujeito às mudanças de estilos e gostos da boa sociedade.

Mais uma vez podemos perceber como os músicos eram importantes no âmbito religioso. Essas pessoas da sociedade que iam participar das missas e novenas também esperavam ouvir um som musical porque era algo diferente e que chamava a atenção do público. Sendo assim, os músicos deveriam se adequar ao que essa sociedade gostava e a seleção de um repertório deveria ser encantador aos ouvidos do público.

Existiam Irmandades como a Irmandade de Santa Cecília no Rio de Janeiro no século XVIII, que era uma organização onde principalmente músicos e adoradores da religião católica que eram devotos e praticantes do catolicismo, pregavam as ideologias da religião e incentivavam a religião com o uso da arte.

As pessoas que participavam dessas irmandades geralmente eram pessoas influentes na sociedade e que tinham uma facilidade de atuar e pregar a sua crença, e também era composta por músicos profissionais que eram devotos da religião católica e sabiam que através da arte, no caso a música, poderiam atrair os olhares da população e convidá-los para participar das festividades religiosas.

Quando nos deparamos hoje com o universo de composição musical, percebemos uma variedade de melodias e estilos de música como resultado de uma evolução e uma junção das variações culturais que se constituíram em épocas e espaços distintos da formação social brasileira. São estilos de músicas que moldaram os diversos ritmos que conhecemos hoje como, por exemplo, a música clássica, erudita, as músicas populares, entre outras.

As músicas que são tocadas nas Igrejas se adequam cada vez mais ao estilo musical de cada época e ao contexto social em que está localizada. Podemos ver em religiões como das Igrejas Evangélicas o uso do funk e de outros estilos musicais como o pop e o rock, com uma letra que apresenta uma história religiosa, e isso é uma representação da modernidade religiosa que vem se adaptando a variados tipos de culturas e estilos musicais diferentes.

1.1 Banda Costa Correia: O início de uma tradição na terra de Belém

Antes de tratar da ligação da Igreja da cidade de Uiraúna com a banda de música Jesus Maria e José e sobre o processo de preservação de uma tradição que surgiu, é interessante que tratemos sobre o começo da história dessa banda. Ao debater sobre a fundação desta banda é possível ter melhores noções no acompanhamento desse processo histórico.

Em 1914, foi fundada uma banda que foi intitulada Costa Correia, e tratava-se da história inicial do que mais tarde viria a se chamar banda Jesus, Maria e José. Uiraúna era um distrito pequeno da cidade de São João do Rio do Peixe – PB, na época nomeada Belém, e que segundo Cardôso (2005, p. 51):

A economia local girava em torno da pecuária e da agricultura de subsistência. Destacou-se, naquela época, a produção do algodão, que era conhecido como o *boi do pobre*, e de cana-de-açúcar e seus derivados. As pessoas que não estavam diretamente envolvidas com a agricultura ou a pecuária, trabalhavam em 52 estabelecimentos comerciais locais, repartições públicas ou prestavam serviços gerais, como carpinteiros, alfaiates, dentre outros.

De acordo com a citação acima, podemos ter uma ideia de como se resumia a economia e o conseqüente estilo de vida da maioria dos habitantes desse distrito, pessoas comuns que passariam a ser os músicos integrantes da banda Costa Correia, e quais profissões os mesmos exerciam na região, que por se tratar de um pequeno distrito, não existiam muitas opções de trabalho.

Apoiando-se em Cardôso (2005), podemos dizer que a cultura musical de Belém e da banda Costa Correia surgiu no ano de 1914, com a vinda de quatro músicos da cidade de Missão Velha-CE devido os conflitos causados na Revolta de Juazeiro. Moreira (2008, p. 16) em suas pesquisas faz um estudo sobre a sedição de Juazeiro-CE onde ela fala que:

[...] dentro do contexto das políticas das salvação desenvolvida Hermes da Fonseca, vários sertanejos, apoiados pelo governo federal e pelas facções políticas ligadas à oligarquia Acioli, se levantaram contra Franco Rabelo, governador estadual nomeado em 1912 tendo como Vice o Padre Cícero, a Sedição de Juazeiro estoura

de fato quando o governador passa a perseguir seu vice, o padre que era também prefeito de Juazeiro, destituindo-o do cargo. A partir de então, o influente médico e político da cidade Floro Bartolomeu, juntamente com seu amigo pessoal Padre Cícero, organiza um batalhão que defende a cidade dos ataques dos soldados do Governo estadual e marcha rumo à Fortaleza onde Rabelo, acuado, entrega o cargo assumido inteiramente por outro governador nomeado pelo governo federal, Fernando Setembrino e posteriormente por Liberato Barroso, em eleições que confirmaram o vice-governo de Padre Cícero.

Devido esses conflitos em Juazeiro-CE, várias pessoas migraram para outras localidades fugindo da guerra e procurando refúgio em lugares menos perigosos. Foi assim que chegaram a Belém os músicos naturais de Missão Velha: “Raimundo Sá, clarinetista e primeiro Mestre; Luís Barreto, mais conhecido como seu Lú, Pistonista e segundo Mestre; José Brígido, trombonista; e José Passos que executava bombardino” (CARDOSO, 2005, p. 53).

Chegando a Belém, esses músicos pediram ajuda ao Padre Manoel Vieira da Costa e Sá – Pe. Costa, como era conhecido – que era responsável pela capela daquela localidade.

Segundo Cardoso (2005, p. 53) “quando havia festa da padroeira do lugar, recorria-se à banda de música do município de São João do Rio do Peixe.”, então se aproveitando da situação ele o padre Costa pensou em uma maneira de manter esses refugiados na vila e utilizar suas habilidades musicais, e com isso teve a ideia de ensinar a arte musical para os homens que tivessem interesse em aprender a tocar um instrumento musical.

Dessa maneira podemos dizer que ele poderia manter os refugiados em Belém dando-os uma ocupação, e resolveria o problema da carência que a Igreja tinha que era a falta de uma atração, algo que pudesse melhorar ainda mais as missas e festas da comunidade já que até então, era necessário recorrer a uma banda de outra localidade para tocar nas festas da Igreja de Belém. Logo a baixo na Imagem 1, podemos ver o retrato do Padre Costa.

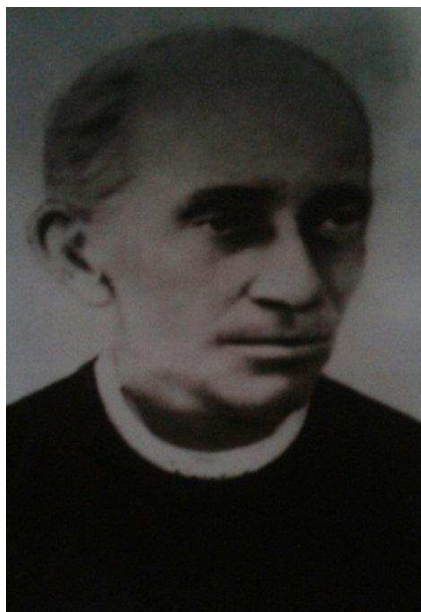


Imagem 1: Padre Manoel Vieira de Costa e Sá.

Fonte: Revista Uiraúna (2014, p. 12)

Para iniciar o projeto que iria resolver o problema da Igreja e dos refugiados, Padre Costa teria apelado para a boa vontade dos cidadãos, onde com o apoio da população começou a vender rifas, elaboravam festas beneficentes, e leilões para que fosse possível arrecadar a quantia necessária da compra dos primeiros instrumentos musicais.

Nesse contexto, a vinda desses músicos de Missão Velha para Belém foi o ponto de partida para iniciar um processo cultural na cidade, e o interesse do Padre Costa foi fundamental devido a sua influência para com os cidadãos de Belém, levando a cooperação dos mesmos para tornar possível a compra de instrumentos musicais para que as pessoas pudessem aprender a tocar e formar a banda que mais tarde veio a se chamar banda de música Costa Correia, que de acordo com Beta Galiza no artigo “Banda de Música de Uiraúna completando 100 anos de sons que expressam a vida” da “Revista Uiraúna” de 2013, esse nome teria sido “em homenagem ao incentivador e idealizador, Padre Costa e ao grande músico Zequinha Correia”. (GALIZA, 2013, p. 05)

Vimos que a música no Brasil tem uma história de formulação que descende de uma cultura europeia, africana e indígena. A Igreja tinha um interesse de animar as novenas e suas pregações com uma arte. Então podemos dizer que quando o Padre Costa pensou em criar uma banda com a ajuda de refugiados que tinham conhecimento da música ele continuava seguindo uma tradição que era adotada pela Igreja Católica no Brasil desde a colonização, e ele sabia que a música além de animar as festividades da Igreja, as novenas, e as missas, ela tinha uma importância fundamental em trazer o público para vir assistir as missas e ouvir os arranjos musicais tocados pela banda pois a música atingia o sentimento de adoração e fé dos

católicos sendo portanto um elemento essencial de sociabilidade nos eventos, então seria mais interessante para a Igreja ter uma banda a sua disposição o que também era motivo de orgulho da população de Belém que cooperaram diretamente para a criação da banda que segundo eles, animaria e traria uma cultura para sua região, além de trazer ainda mais o prestígio da população para a Igreja.

É preciso frisar que em épocas diferentes, que os objetivos e os costumes da Igreja são totalmente diferentes, assim também acontece com o tipo de música executada. Nas Igrejas do Brasil colonial tocavam músicas diferentes das músicas tocadas na década de 1914, pois até aí a música veio se modernizando e assumindo novas posturas, assim como as bandas.

No caso de Belém, estamos falando de uma banda filarmônica civil, que assume características militares, portanto é um tipo de música que veio a ser adaptada a realidade da época, mas podemos dizer que a Igreja continua seguindo a mesma ideologia do Brasil colonial, onde a música não é usada apenas com uma ideia de animação da festa, mas também como um atrativo social que conquista o público, e dependendo do contexto musical, a letra das músicas e melodias pode inserir um sentimento, inserir uma forma de pensar e agir.

Com o passar do tempo, a partir do ano de 1800 houve um incentivo e o crescimento das bandas militares, e conseqüentemente das bandas filarmônicas civis que seguiam princípios semelhantes, e que logo veio a substituir as bandas de barbeiros ou em outros casos os corais que eram bem comuns nas Igrejas, como é o caso da Igreja de Belém que investiu numa banda filarmônica. Segundo Tinhorão (1997, p. 143):

[...] seria ainda seguindo o modelo da organização dessas mesmas bandas militares, que logo começariam a formar-se nessas nascentes cidades as pequenas bandas de amadores locais (aliás herdeiras também de uma tradição de bandas de fazendeiros e chefes políticos regionais), para as quais se criaram nomes pomposos como Sociedades de Euterpe (a Euterpe Cametaense, do Pará, é de 1874), Filarmônicas e Liras, e sob as quais se brigavam os mais talentosos amadores locais, orgulhosos das dragona, talabartes e platinas das suas fardas de recrutas da arte musical.

A partir disso, podemos notar como Igreja Católica de Belém aderiu e adaptou um estilo de música à sua necessidade. Desta forma, passou-se a existir uma ligação entre a Banda de Música Costa Correia e a Igreja Católica de Belém. A igreja ajudava com a arrecadação de instrumentos e disponibilizava o espaço para as apresentações desses novos artistas, e custeava com alguns outros gastos que fossem possíveis para mantimento da banda por parte da igreja, e a banda contribuía abrillantando as festas e atraindo o público para as missas.

Outra questão que pode ser colocada como positiva na visão dos músicos é que eles estavam aprendendo a tocar um instrumento musical e expandindo o seu conhecimento com algo que foi inovador naquele lugar, os músicos estavam praticando o bem que era pregado pela Igreja. De certa forma, aquilo era uma boa ação, pois tocar para a Igreja era tocar para Deus, então aquelas pessoas estavam cumprindo com o seu papel de fiéis e cristãos ajudando a Igreja.

Já com 90 anos de Idade, o Padre Costa estaria a encerrar a sua carreira sacerdotal, e no artigo “No centenário da banda, 90 anos de falecimento do seu fundador” de Wlisses Estrela de A. Abreu³, publicado na “Revista Uiraúna” no ano de 2014, fala que:

Sem muitos entraves ao pleito requerido, em 03 de maio de 1923 o cônego Costa assistiu a promulgação do Decreto Diocesano elevando a capela de Jesus, Maria e José à categoria de Igreja Matriz. O velho sacerdote que já contava com 90 anos de idade, não deixou de comparecer às solenidades de instalação paroquial, tendo celebrado missa com os padres Sá e Nicolau Leite, este último nomeado primeiro Vigário. (ABREU, 2014, p. 13)

Podemos ver que a Igreja crescia, a cidade vinha se desenvolvendo, e agora com a chegada do vigário Nicolau Leite ele seria responsável em continuar com a jornada sacerdotal do Padre Costa na Igreja de Belém do Arrojado, e assim, dar continuidade à banda Costa Correia.

Segundo Cardoso (2005, p. 54) “a banda Costa Correia permaneceu ativa até o ano de 1927, onde parou com suas atividades e foi desativada”. Vários motivos são colocados para explicar esse ocorrido na época, onde uma banda que estava crescendo na cidade e que era adorada pelo público nas missas em suas apresentações musicais pela população em geral.

Um desses motivos seria o retorno dos músicos advindos de Missão Velha para sua terra natal, fazendo com que isso causasse uma lacuna na estrutura de músicos que faziam parte do corpo artístico da banda. (CARDÔSO, 2005, p. 54)

Outro motivo seria por conta da vinda de Lampião que estava a caminho de Belém, e que na época estava cometendo diversos ataques e furtos nas cidades que passava então o medo das perseguições de Lampião estava presente na população daquele povo. (REVISTA UIRAÚNA, 2014, p. 6)

Segundo o ex-maestro e músico da banda de música Jesus, Maria e José conhecido como Dedé de Capitão, considerado pelos músicos da banda como um ícone da música de Uiraúna, a banda teve essa pausa por outros motivos:

³ Nascido na cidade de São João do Rio do Peixe-PB, graduado do curso de Licenciatura plena em História pela UFCG/CFP, 2008. Mestre pelo PPGH/UFCG.

(...) essa Banda, essa Banda aí foi fundada em 1914, quando foi em 1927 extinguiu, acabou-se a Banda. Agora eu vou lhe dizer o motivo: naquela época só podia ser músico, jovem, solteiro. Os jovens iam se casando e iam deixando a Banda, e quando foi em 1927 a banda parou. Eu não sei por que, porque não tinha renda, né? Não podiam fazer parte... Ia deixando, até que acabou-se a Banda. (informação verbal).⁴

Dessa forma podemos notar que vários motivos levaram ao fim da banda Costa Correia. As dificuldades surgiram e afetaram direta e indiretamente os músicos que tiveram que parar de tocar e se apresentar para o público local. E como vimos no relato de Dedé de Capitão, não foram apenas o regresso dos músicos de Missão Velha-CE e a possível vinda de Lampião para a terra de Belém que fez com que a banda chegasse ao seu fim, existiam regras que eram impostas pela Igreja, que dificultava o ingresso de novos membros na banda.

Como vimos na fala do ex maestro da banda Jesus, Maria e José, os músicos estavam se casando, seguindo outras carreiras ou estavam ficando velhos, então estavam ficando sem tempo ou sem disposição para continuar na banda, e chegou um momento em que ocorria a saída dos integrantes e não havia uma reposição com novos membros, pois havia uma exigência que limitava o ingresso de novos integrantes na banda. Tais regras eram tão conservadoras e ditatoriais que levou o desinteresse dos músicos e ocasionalmente a desistência dos mesmos.

É algo natural para o ser humano procurar meios de sobrevivência, é o processo da vida, e os músicos assim como qualquer outra pessoa comum, estavam seguindo suas vidas pessoais e procurando meios de sobreviver, então podemos afirmar que era algo que mais cedo ou mais tarde viria a acontecer. Na época a música não era vista como uma profissão e por isso não tinha condições deles conseguirem seu sustento a partir da música.

Analisando as imposições para o ingresso na banda, é possível ver que o Padre Costa procurava por jovens que tivessem tempo e disposição para tocar quando a banda fosse requisitada, mas no fim tais imposições colocadas pela Igreja que era responsável pela banda limitara o ingresso de novos membros na banda, que levou ao seu fim.

Podemos entender melhor tais afirmativas a partir do estudo de Silva (2011, p. 51) onde ela afirma que “[...] a ausência de renda, visto que o apoio financeiro por parte da Igreja Jesus Maria e José⁵ era insuficiente. Considerando que a imposição do pároco Pe. Costa

⁴ SILVA, Maria dos Remédios da. Interview. Entrevista com Dedé de Capitão. Arquivo Pessoal da Autora, Uiraúna-PB. 2011.

⁵ “Jesus, Maria e José” é o nome da Igreja Matriz de Uiraúna, nome esse que mais tarde veio substituir o nome da banda Costa Correia.

dificultava o ingresso de outras pessoas à banda.”. A partir disso, podemos presumir que essas exigências para o ingresso de novos componentes na banda Costa Correia e a falta de investimento para manter e aprimorar aquela cultura tenha sido o principal motivo que levou a mesma ao seu fim.

De acordo com a “Revista Uiraúna” (2014, p. 6), os músicos que integravam a banda de música Costa Correia em 1914 eram:

1- ANTONIO CABOCLO – Piston, 2 – MAJOR GUEDES – Clarineta, 3 – ANTONIO FRANCISCO – Baixo Mi Bemol (Pai de Marcelino Vereador), 4 – ZEZE DE CAZUZA – Trombone de Piston, 5 – ZE VELHINHO – Piston, 6 – LUIZ RODRIGUES – Prateleiro, 7 – DUCA RODRIGUES – Bombo, 8 – ZEU DE CAPITÃO – Trombone de Campa (Pai de Asimiro Gomes), 9 – ANTONIO CORREIA – Bombardino, 10 – FIRMO CORREIA – Bombardino, 11 – ISRAEL FERNANDES – Trombone de Piston, 12 – JOÃO MANOELZINHO – Baixo Mi Bemol, 13 – JOSE FERNANDES – Reuinta, 14 – CHICO MANUELZINHO – Clarineta, 15 – JOÃO TEOTONIO – Trompa, 16 – JOSE COELHO – Tarol, 17 – CHICO BRANCO – Clarineta, 18 – JOSE SEBASTIÃO – Surdo.

Além dos quatro músicos que eram refugiados em Belém vindos de Missão Velha-CE, todos esses dezoito componentes da banda eram homens, então só confirma que naquela época a mulher não tinha um espaço social igualitário, e que apesar de não ter uma colocação que confirme essa observação na história da banda, analisando o contexto social do Brasil nessa época, podemos ver que era uma época que as mulheres não possuíam nem o direito ao voto, que só foi adquirido no ano de 1932⁶.

Se analisarmos a relevância dos fatos, a possível vinda de Lampião à vila de Belém poderia causar medo à população local, mas não seria algo que levaria a extinção de uma arte, pois os instrumentos poderiam ser escondidos para evitar o furto, e podemos levar em consideração que um instrumento musical não era de grande interesse para lampião. Além disso, seria uma passagem, e no caso era possível recomeçar os trabalhos musicais, o que nos faz relevar a importância desses fatos na explicação do fim dessa banda.

O retorno dos músicos para Missão Velha apesar de ser um fato que gerasse uma tristeza pessoal por conta da amizade que se formou naquele espaço, não pode ser justificada como motivo maior para determinar o fim de uma banda, já que a mesma ainda possuía outros integrantes que tinham conhecimento sobre a música e poderiam passar esse conhecimento para novas gerações, e se manter com os músicos atuais. Portanto, essas regras iam contra os

⁶ CALDEIRA, João Paulo. A conquista do voto feminino em 1932. 26 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.meutedio.com.br/2012/03/como-citar-o-blog-em-trabalho-academico.html>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ideais pessoais dos músicos e isso gerou o desinteresse desses que faziam parte da geração atual da banda.

Então naquele momento, no ano de 1927, chegaram-se ao fim a aliança e apoio entre a Igreja Jesus, Maria e José, e a Banda Costa Correia, devido à falta de músicos para compor a estrutura, e por falta de recursos que eram necessários para permanência da banda Costa Correia, que até então era fornecido pela Igreja, e que por passar a ser insuficiente para arcar com os gastos necessários, ocasionou a desativação dessa arte.

1.2 Banda Jesus, Maria e José: o retorno da música na Igreja de Uiraúna

Com a desativação da banda Costa Correia no ano de 1927, a Igreja teve que voltar a contratar as bandas de outras cidades para tocar nas novenas e festa de padroeiro, mas isso estava trazendo gastos extras para a igreja.

De acordo com Cardoso (2005, p. 54):

Depois do intervalo de três anos de pausa, em 1930, a Banda de Música foi reativada por incentivo do então pároco, Pe Anacleto, que convocou a população e os comerciantes locais para a empreitada. A partir dessa data até 1975, a Banda passou a ser subvencionada pela igreja, com a ajuda de pequenos comerciantes do lugar, passando assim a se chamar Banda de Música Jesus Maria e José.

Podemos notar que agora no ano de 1930, após uma pausa de três anos onde a banda Costa Correia parou com suas atividades, o novo padre da Matriz o Pe. Anacleto, desperta o interesse de ativar a banda, pois além de ser do interesse da população que sentiam orgulho da banda, a Igreja sentia a necessidade de ter uma banda a sua disposição já que, sempre que era necessário precisavam contratar uma banda de outra localidade. Podemos notar também como a população de Belém era disposta em ajudar a Igreja, pois desde a fundação da banda e na reativação, a população cooperou para que a banda se erguesse. É um sinal de que o pequeno distrito tinha um povo fiel e religioso.

A partir de agora, a banda de música Costa Correia foi reativada e viera a receber um novo nome que ficara marcado até hoje como banda de música Jesus, Maria e José. A banda passa a ter o mesmo nome da Igreja que a fundou, e teria o dever de manter financeiramente com a ajuda da população.

O primeiro maestro da nova formação da banda era o sousense Misael Gadelha, que veio exclusivamente para reger a banda Jesus, Maria e José e dar continuidade à nova geração de músicos no distrito. Segundo Cardoso (2005, p. 55) “[...] as atividades e encontros da

banda aconteciam numa pequena construção que encontra-se aos fundos da Igreja Matriz de Uiraúna”, e que na época nem sempre estava disponível para os músicos. Quando o lugar não estava disponível para uso da banda, o maestro se deslocava para a residência dos alunos para passar as lições de música, e reforçar a leitura das partituras e solfejos. Logo abaixo na Imagem 2, podemos ver o primeiro espaço de ensaio da banda Costa Correia.



Imagem 2: Um dos primeiros locais de ensaio da Banda de Uiraúna (Nos fundos da Igreja Matriz). Acervo pessoal (2017)

Mesmo com a contribuição financeira e estrutural da Igreja Jesus, Maria e José, a banda passava por dificuldades, pois o apoio financeiro da Igreja era insuficiente para arcar com os gastos da banda, e o espaço cedido pela Igreja para as atividades da banda nem sempre era disponível. Mesmo com tamanhas dificuldades, como afirma Silva (2011, p. 53) “a banda continuava ativa em suas atividades religiosas, civis ou profanas” a tocar e a cumprir com a obrigação que a mesma tinha com a Igreja e com o padre, já que foi graças à influência do mesmo que a banda voltava à ativa mais uma vez.

Segundo Cardôso (2005), naquela época os meios de transportes motorizados eram muito escassos, e nem todos tinham condições de comprar esse tipo de transporte, então quando a banda era convidada para tocar em outras localidades, os músicos faziam a viagem no lombo de cavalos ou jegues. Cardôso (2005, p. 93) ainda coloca que “naquela época a banda não tinha ainda um uniforme especialmente confeccionado, mas todos usavam um paletó branco”.

A dificuldade de locomoção daquela época, mais especificadamente no ano de 1931, era muito limitada, então quando a banda era solicitada para se apresentar nas cidades vizinhas, para tocar nas novenas ou em alguma apresentação particular, os músicos

precisavam se deslocar em um animal percorrendo uma estrada arriscada e levando seus instrumentos da forma que fosse possível, já que era o meio de locomoção que estava acessível para os mesmos. Além disso, estamos falando de uma época que na região não existia energia elétrica, rádio ou televisão, então aumentava ainda mais o risco do deslocamento desses músicos para poder se apresentar.

Segundo Cardoso (2005, p. 93)

“[...], nessa época, nem os músicos nem o Mestre recebiam ordenado fixo. Os ganhos que tinham eram advindos das toçadas que apareciam eventualmente. O montante apurado normalmente era dividido proporcionalmente entre os membros do grupo”.

A partir dessas informações podemos notar que os músicos da banda Jesus, Maria e José trabalhavam de forma voluntária para a Igreja, não existia um salário ou uma remuneração paga pela Igreja de Belém para esses músicos, eles tocavam com os instrumentos que eram fornecidos pela Igreja, então eles esperavam que existisse algum contrato que dificilmente aconteciam, para poder receber algum dinheiro em suas toçadas, e mesmo assim, enfrentando o perigo de se deslocar até outra localidade para obter um lucro mínimo. Dessa forma, podemos dizer que o que motivava os músicos a continuarem nessa situação era a sua forte crença na religião, a influência do padre, e o gosto que tinham pela música, já que uma vez ou outra é que suas atividades lhes traziam alguns trocados.

A religiosidade e a fé da população de Belém eram muito fortes, o povo era muito devoto e praticante da religiosidade católica naquele momento, e isso foi crucial para o Padre Anacleto. A imagem de um padre é muito influente, pois estamos falando do pregador da palavra de Deus, do representante de Jesus, e administrador da casa de Deus, então por conta dessa influência, o padre poderia contar sempre com a ajuda da população, e o povo abraçaria qualquer ideia do padre.

Podemos notar essa ideia de devoção e fé da população de Belém com Antônio Batista de Silva Neto ao escrever na “Revista Uiraúna” de 2003 no artigo denominado “Uma referência aos padres de Uiraúna” onde o mesmo argumenta que o povoado tinha uma visão utópica do padre local, em que a sociedade seguia um aspecto patriarcal, onde tudo girava em torno da religião e da figura do padre. Neto (2003, p. 13) afirma que:

(...) desde os primórdios, vamos encontrar o pensamento quase generalizado de que a única carreira que atendia aos anseios de nossas famílias era o sacerdócio. E a situação era tal que quando o manifestava o desejo de abraçar outra vocação, as mais das vezes, se sentia cortado do seu desideratum, tamanho valor que os nossos

antepassados davam a formação eclesiástica. E o resultado dessa concepção, até certo ponto censurável, é que essa orientação subestimou as demais profissões, como se todo trabalho não recebesse as bênçãos de Deus.

Ainda se tratando sobre a religiosidade de Belém, Neto (2003, p. 13) um dos autores da “Revista Uiraúna” de 2003 acrescenta:

Até o limiar dos anos 60, a nossa cidade ainda conservava aquela fisionomia monárquica, voltada para as festa da igreja, para a figura do padre, para o respeito aos valores espirituais que aqui se formaram ao longo de muitos anos. Entretanto, a partir desse tempo o nosso povo secularizou-se, a ponto de transformar-se numa população de pendência heterogênea de sentimentos díspares.

A partir das colocações das colocações de Neto (2003), sobre a religiosidade do povoado de Belém, podemos ter uma melhor compreensão da importância que a figura do padre tinha nessa sociedade nas décadas de 1920 a 1960, período em que se considera que a sociedade ainda têm características patriarcais, com práticas conservadoras e utópicas, que reconheciam o padre como um ser místico conhecedor da palavra de Deus.

. Então a imagem de “santo” que era idealizada nos padres era motivo de satisfação das famílias do povoado, pois como coloca Neto (2003), as famílias que tinham seus filhos seguindo a “vocação” do sacerdócio e se tornando padres eram vistos com bons olhos pela sociedade. O valor dado à formação eclesiástica era maior que qualquer outra profissão, e as famílias sonhavam em ter um filho padre, ou que no mínimo fosse um seminarista e pregasse a palavra de Deus.

Portanto, podemos notar que mesmo com tamanhas dificuldades os músicos da banda Jesus, Maria e José viam o padre como uma pessoa que precisavam agradar, pois ele reativou a banda que era querida pela população, e tinham a ideia de que não poderiam abandonar a Igreja, onde ela precisava da banda para “animar” as festividades do povoado.

Ambos os padres Costa e Anacleto traziam esse discurso motivador de valorização da cultura da terra, de crescimento cultural, diversão, festividades religiosas, do amor da população pela banda de música, mas analisando de maneira crítica só notamos cada vez mais que a Igreja gostava da banda, mas, não fazia o que era necessário para mantê-la.

Era fácil fundar ou reativar uma banda musical, utilizando a influência de pároco para fazer com que a população pagasse o valor da compra dos instrumentos musicais da banda. É notável o discurso motivador que fazia com que os músicos prestassem serviço e devoção à Igreja. Além disso, podemos colocar as regras impostas pela Igreja para o ingresso de novos integrantes na banda, pois além de ser um trabalho voluntário, apenas pessoas que atendessem

ao padrão colocado pela igreja de ser homem e solteiro que pudesse ter disponibilidade de se dedicar aos estudos musicais que poderia participar de tal atividade.

Nesse momento é então apresentado pela Igreja o discurso de que a banda foi reativada para preservar a tradição e a cultura musical da cidade e que ela teria o apoio financeiro da Igreja para manter-se ativa tocando nas festas e fazendo suas apresentações na Igreja, mas de que forma a banda seria mantida? Em que situações? Sob quais circunstâncias? Perguntas essas que não vieram a ser esclarecidas e só quem sabia da real necessidade e ausência de recursos eram os músicos que vivenciavam o problema.

De acordo com Cardôso (2005) na década de 1950, os representantes políticos do povoado de Belém, que era um distrito da cidade de São João do Rio do Peixe-PB tentavam aprovar um projeto que iria trazer a independência para Belém e elevando-a a uma cidade, e no dia 27 de novembro de 1953, tal projeto foi aprovado sendo colocado em prática no dia 2 de dezembro de 1953, transformando o distrito de Belém em cidade, Uiraúna.

A partir da criação do município de Uiraúna, deixando de ser um distrito de São João do Rio do Peixe-PB, podemos notar que o poder público de Uiraúna passou a ter uma certa preocupação com a situação da banda de música Jesus, Maria e Jose, onde segundo Silva (2011, p. 52):

As leituras empreendidas no livro de Atas (1955) pertencentes ao legislativo local mostra que já havia desde 1955 a preocupação do Poder Executivo para ajudar esta Banda de Música Jesus Maria e José. Isto acontece durante a primeira reunião ordinária do poder Legislativo: “Casa Olinto Pinheiro” em que se observa a citação de vários Projetos Leis do Poder Executivo a serem votados pelo Poder Legislativo. O sexto projeto se refere à concessão “auxílio à Banda de Música local para aquisição de fardamento, etc ...” [sic] (ATA nº02, 12/12/1955, fl.02). Esse projeto foi aprovado por unanimidade dos votos em primeira discussão.

Então, a partir da citação acima, podemos notar que a situação da banda era tão crítica que além de não ter uma sede própria onde pudessem usar para ensaiar e praticar. A Igreja não fornecia-lhes sequer um fardamento, sendo preciso a intervenção do poder público municipal para que fosse possível ter condições de usar um fardamento apropriado para suas apresentações.

Continuando, Silva (2011, p. 53) firma que:

Os anos se passaram e após quase cinco anos aparece um Projeto Lei de responsabilidade do vereador João Caboclo de Sá que abre “um crédito especial de Cr\$ 20.000.00 para aquisição de um fardamento da banda de Música Local” (ATA nº16, 14/ 06/ 1960, fl. 34). Novamente houve aprovação dos demais vereadores, o que não fica evidente é se a Banda recebeu este benefício, mas havia esforço para isto.

Passados cinco anos, da contribuição que o poder público do município de Uiraúna forneceu para a banda, é colocado um novo projeto para ser votado na câmara dos vereadores, onde a pauta seria o fornecimento de um novo fardamento para a banda de música Jesus, Maria e José. É notável que existisse uma preocupação com a banda de música por parte dos políticos da cidade, que vez ou outra aprovavam um projeto que beneficiasse a Banda em questão, e contribuísse para o mantimento da mesma.

Mas se a Igreja após ter reativado a banda Costa Correia, numa cerimônia onde o nome Costa Correia foi substituído pelo nome da própria Igreja, assumiu o compromisso de manter a banda financeiramente e preservar a cultura musical da terra, o que a Igreja estava fazendo para manter com seu compromisso? Qual apoio financeiro era dado à banda, que mesmo tendo esse apoio passava por dificuldades de se manter ativa?

O que acontecia com a banda Jesus, Maria e José naquela época era um retrato do que aconteceu nos anos de 1914 até 1927, que levou o encerramento da primeira formação da banda Costa Correia. Onde a Igreja assumia o papel de auxiliadora, mas que não tinham condições de mantê-la, e que por conta disso a banda passava por diversos problemas para continuar com suas atividades. Apesar das contribuições recebidas pela Igreja da população do município de Uiraúna, precisou-se da “intervenção” do poder público do município já que as verbas fornecidas pela Igreja eram sempre insuficientes.

A banda não possuía um fardamento adequado, não tinha acesso a uma sede própria para ensaiar seus números musicais, existia uma limitação no ingresso de novos músicos da banda, não existia um apoio financeiro para os músicos, ou seja, era um trabalho voluntário onde os mesmos se mantinham na esperança de surgir algum contrato repentino para poder usufruir de alguns trocados, tinham que se deslocar em animais para outras cidades para fazer suas apresentações, e mesmo assim estavam sempre à disposição da Igreja para tocar nas festividades religiosas.

Era difícil de dar continuidade na música da maneira que a banda se encontrava, não existia um apoio e financiamento que fosse capaz de suprir as necessidades necessárias da banda. Para poder manter essa cultura ativa e que era tão querida pela comunidade seria essencial a criação de um projeto ou algo que trouxesse autonomia para esses artistas que estavam tentando manter essa arte com o mínimo de condições, pois que a vida e a sobrevivência deles e dos seus, estava em jogo. Como manter-se fiel com os compromissos de fé para com a Igreja dignamente em tempos difíceis?

CAPÍTULO 2: UM NOVO TEMPO NA HISTÓRIA DA BANDA JESUS, MARIA E JOSÉ: A CRIAÇÃO DA SODAU (SOCIEDADE DE DIFUSÃO ARTÍSTICA DE UIRAÚNA) NA DÉCADA DE 1960 A 2000

No capítulo anterior destacamos a criação da banda musical em Uiraúna como parte e resultado de uma tradição musical religiosa antiga que remonta, como apontam os autores com os quais dialogamos, aos tempos de colonização e catequização pelos portugueses das terras que viriam a se chamar Brasil. Assim, quando 1914 a igreja de Uiraúna criava a banda de música em terras paraibanas com os forasteiros vindos do Ceará, dava continuidade a essa tradição resolvendo um problema que se colocava, ou seja, a ausência de músicos, os custos e despesas financeiras além de dificuldades pessoais dos músicos e uma estrutura adequada para os ensinamentos musicais. Assim, pudemos ver as necessidades enfrentadas pela banda de música Jesus, Maria e José para manter viva essa cultura na cidade.

Diante de toda essa situação discutida sobre as condições de preservação e de atuação da banda de música Jesus Maria e José, conseguimos observar que até a década de 1960 a banda vinha se mantendo em funcionamento de suas atividades com o financiamento e os cuidados da Igreja Católica Matriz de Uiraúna, mas que apesar de tal esforço, se assim podemos dizer, era notável que se a banda continuasse na mesma condição em que se estava, em um futuro próximo ela encontraria o seu encerramento mais uma vez. As condições da época apresentavam esse resultado como uma alternativa, já que não existiam recursos suficientes para arcar com as necessidades básicas para manter esses músicos em suas atividades musicais.

Desta forma, de acordo com o Livro de Atas da Fundação da Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna do ano de 1966:

Aos cinco dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e seis, nesta cidade de Uiraúna, Estado da Paraíba, na sede própria, na rua Dom. Adauto, da cidade de Uiraúna, presentes os senhores Dr. Alixandre Fernandes, Dr. Raimundo Barbosa de Oliveira, Primo Fernandes, João Batista Fernandes, Raimundo Daniel Duarte, Hernuvio Vieira da Silvae mais pessoas que assinaram o livro de presença, fundou-se a “Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna”. Falou inicialmente José de Anchieta Pinto, que num tereve improvisado disse: que o objetivo da sociedade era difundir a cultura sertaneja, compelindo dessa maneira ao exercício mental todas as inteligências do sertão, cuja continência intelectual, por escassez de meios de publicidade, redundava em desconcertante prejuízo de nosso patrimônio cultural.

De acordo com a citação acima, podemos notar que no ano de 1966 foi criada essa organização, a SODAU (Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna) que tinha como objetivos divulgar e preservar as tradições e culturas da cidade de Uiraúna, dentre elas e mais especialmente a cultura musical. Na reunião de fundação desta sociedade estavam presentes um total de 29 pessoas, dentre esses, músicos da banda Jesus, Maria e José e pessoas com grande influência na sociedade uiraunense. Desta forma, o atual presidente da SODAU, o senhor José Saliege da Silveira, filho de um dos antigos maestros da banda, Dedé de Capitão, afirma que:

[...] até sessenta e seis... mil novecentos e sessenta e seis a nossa banda pertencia a igreja, depois, é... com as dificuldade que a igreja também tinha pra manter a banda, nós... nós não, ah.. os nossos pais que eram os representantes da banda fizeram um apelo ai a um deputado filho da terra para fazer uma associação aqui, criar uma associação, e nessa época essas dificuldades era muito grande, eles com seguiram com o monsenhor Manoel vieira, criar essa associação que até hoje está ainda... está sobrevivendo, com o nome da SODAU. Criou a associação com a sigla SODAU que significa, é... Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna. Então... é, com essa associação, a banda de Uiraúna vem sobrevivendo com todo, todo o esforço está ai sobrevivendo graças a essa associação, porque a igreja não tava tendo condições de dá tanta assistência que a gente precisava, por isso eu, ah... eu, eu, eu dô todo, total valor a essa associação que hoje está ai mantendo a nossa banda. [sic].⁷

Da mesma maneira pensa o senhor Geraldo Moisés de Andrade, atual maestro da banda Jesus, Maria e José, onde ele acrescenta:

[...] a criação da, da... da Associação de Difusão Artística de Uiraúna, a SODAU foi um meio, que foi encontrado para que a banda conseguisse alguma coisa, e recurso de órgão público por exemplo, dinheiro federal né, parece que o Padre Vieira que era muito amigo de Dedé de Capitão, filho daqui de Uiraúna que era um deputado federal, então ele aconselhou para que ele criasse essa associação que era uma maneira de conseguir recursos em Brasília, é certo... é claro que melhorou porque esse dinheiro vinha, os deputados que doavam esse dinheiro, por exemplo eu conheci que o padre vieira, o ex deputado federal Antônio Mariz, parece que Wilson Braga... então alguns deputados que eram votados na nossa região, eles destinavam dinheiro... uma quantinhasinha em dinheiro para a SODAU [...] [sic].⁸

Então é certo afirmar que a criação da SODAU foi uma solução encontrada pelos músicos da banda Jesus, Maria e José em conjunto com o Monsenhor Manoel Vieira, na época atual vigário da Igreja de Uiraúna, que concordavam que a criação de uma associação seria a maneira ideal para tentar conseguir recursos de outras formas que não fossem apenas

⁷ Narrativa de José Saliege da Silveira. 63 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

⁸ Narrativa de Geraldo Moisés de Andrade. 66 anos. Maestro. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

através da Igreja, que não conseguia arcar com todas as despesas da banda. Quando essa associação foi fundada, a banda passou a receber verbas públicas a partir da criação de projetos ou de doações dos deputados filhos da terra ou que eram bem votados na região.

A partir dessas verbas recebidas, a banda Jesus, Maria e José parou de depender da Igreja Católica e criou uma identidade própria, e que seria zelada por essa associação com a ajuda do poder público e da sociedade. Segundo Silva (2011, p. 53):

A Banda de Música Jesus Maria e José continuava necessitando de ajuda para arcar com a manutenção da sua sede. Assim, no ano de 1969 foi apresentado um Projeto Lei do presidente da Câmara de vereadores: Antônio Fernandes Sobrinho ao Poder Executivo, permitindo a criação de uma verba na importância de “NCr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros novos)” [sic] (ATA nº 30, 30/12/ 1969, fl. 37). Deste modo, a colaboração que a sociedade concedia à Igreja local para manter e suprir as necessidades da Banda era insuficiente. Por outro lado, a ajuda concedida pela sociedade em prol do funcionamento da Banda representava o valor que a mesma tinha para a sociedade e para os integrantes significava também mais um incentivo de obter certa quantia em dinheiro.

É importante lembrar que a música não era vista como uma profissão para essas pessoas, eles estavam ali participando de forma voluntária, e os ganhos obtidos além das doações e projetos vinham das “tocadas de contrato”, onde em alguma ocasião alguém solicitasse a banda ou alguns músicos para animar uma festividade ou comemoração particular, e a partir disso os músicos conseguiam algum ganho.

Podemos notar que esse dinheiro doado para a SODAU se apresentava como uma forma de incentivo para os músicos já que foi por meio deste que conseguiram reformar sua sede, ou fazer a compra de materiais necessários, para dar continuidade a suas atividades. Dessa maneira pensa o atual maestro da banda, Geraldo Moisés onde ele afirma que:

[...] esse dinheiro que Dedé pegava para pagar o concerto de alguns instrumentos, ou fazia uma benfeitoria na sede, então esse dinheiro era pra isso, então certamente melhorou... antes não tinha apoio de nada, então com esse dinheirinho, todos anos vinha esse dinheiro que os deputados colocavam pra SODAU, destinado pra SODAU, ai ele sacava esse dinheiro e comprava alguma coisa. [sic].⁹

Podemos dizer que foram estes investimentos da população e do poder público na SODAU e na banda Jesus, Maria e José, os responsáveis diretos por ações que contribuíram na preservação desse patrimônio na cidade de Uiraúna. Essas verbas eram um incentivo para que os músicos pudessem continuar tocando e repassando essa arte através das gerações, que até os dias de hoje ainda podemos ver nas apresentações desta banda.

⁹ Narrativa de Geraldo Moisés de Andrade. 66 anos. Maestro. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

De acordo com Silva (2011, p. 36):

Uiraúna como “Terra dos Sacerdotes” surgiu nos idos dos anos 70 em diante. Nos registros de Atas das sessões do Poder Legislativo desta cidade, ela é mencionada também como “terra do Pe. José de França” (out, 1979, fl.188-189). Mas é ainda neste período que a cidade de Uiraúna foi simbolicamente pensada, representada e instituída como “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”.

Podemos perceber que essa representação do rótulo “terra dos Sacerdotes e dos Músicos” começou a ganhar mais proporção na década de 1970. A sociedade Uiraunense passava a reconhecer cada vez mais o valor da presença musical da terra e a história que a banda Jesus, Maria e José carregava.

Um exemplo desse reconhecimento da cultura musical na cidade de Uiraúna está presente no brasão da cidade, exposta logo a baixo.



Imagem 03¹⁰: Bandeira do Município de Uiraúna/PB, criada em 1977 e modificada em 1995.

Podemos notar na imagem acima como era a primeira bandeira do município de Uiraúna criado no ano de 1977. A bandeira do município é criada de acordo com os símbolos que trazem as principais características da cidade e podemos ver a forte presença e a união da parte musical e sacerdotal na cidade.

No centro da bandeira podemos ver o que é conhecido na música como pentagrama, que é o conjunto de cinco linhas uma sob a outra na posição diagonal para que possam ser colocadas as notas musicais de acordo com o tempo e a melodia de determinada música. Nesse pentagrama também está presente um símbolo musical denominado “clave de sol”, esse

¹⁰ Disponível em: <<https://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/simbolo/municipio-uiraua-pb-br/>>. Acesso em: 14 de nov. 2018.

símbolo determina o tom que a música será tocada e o som de cada nota musical colocadas nas linhas do pentagrama.

Logo abaixo podemos ver o brasão que até hoje representa o município de Uiraúna que foi modificado no ano de 1995.



Imagem 04¹¹: Brasão da cidade de Uiraúna/ PB, 1995.

Logo acima podemos ver na modificação da bandeira do município de Uiraúna do ano de 1995 podemos ver que ainda foram mantidas as imagens e características da bandeira anterior, que tem no centro os símbolos musicais, e ao redor o nome “berço sacerdotal” que pode ser visto como uma união da cultura musical e a vocação religiosa das pessoas.

Outro exemplo importante que caracteriza a influência e o valor da cultura musical na cidade de Uiraúna foi a construção da Praça dos Músicos: Zequinha Correia¹², que está localizada ao lado da Praça Padre França no centro da cidade de Uiraúna e que foi construída entre 1984 e 1988, no mandato do Dr. Geraldo Nogueira de Almeida como 8º preito de Uiraúna. Podemos ver logo a seguir uma imagem da Praça dos músicos: Zequinha Correia.

¹¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bras%C3%A3o_de_Uira%C3%BAna.jpg>. Acesso em: 14 de nov. 2018.

¹² Em homenagem ao senhor José Ferreira de Queiroga (Zequinha Correia) nascido em 1889 e falecido em 1977. O mesmo destacou-se pelo empenho para a fundação da banda Jesus, Maria e José.



Imagem 05: Praça dos Músicos: Zequinha Correia. Acervo Pessoal (2018)

Então podemos notar na imagem acima como se encontra hoje a Praça dos músicos: Zequinha Correia. Em destaque e bem exposto encontra-se no início da praça um monumento de uma Lira, um instrumento musical bastante conhecido e que trás a representação da música no âmbito social da cidade. Até hoje a praça é movimentada principalmente à noite, onde ser vê como ponto de socialização entre amigos e demais pessoas, dessa forma as pessoas continuaram vendo e lembrando que ali está representado o símbolo da música em Uiraúna.

Podemos notar a partir dessas colocações como houve um crescimento da presença musical na cidade de Uiraúna após a década de 1960. A criação da SODAU contando com o apoio público tanto dos políticos quanto da sociedade uiraunense trouxe um reconhecimento ainda maior da imagem musical como uma das características mais marcantes de representação desse município.

Além de encontrar meios de dar continuidade aos exercícios musicais da banda Jesus Maria e José podemos dizer que serviu para mostrar à população, o valor que essa cultura tem. Os exemplos citados acima são mais uma forma de preservação e de reconhecimento da cultura musical na cidade que passou a ser vista como uma tradição que era passada de geração em geração e mantida nas músicas tocadas pela banda Jesus, Maria e José.

Portanto, a banda Jesus, Maria e José de certa forma foi a principal influência para o desenvolvimento cultural e artístico da cidade de Uiraúna. Foi a partir da criação dessa banda que o desenvolvimento cultural da cidade cresceu e que até hoje vem se mantendo ativo, e só a partir da década de 1960, com a criação da SODAU que a música foi realmente reconhecida

como um patrimônio histórico e cultural que caracteriza a terra de Uiraúna, reconhecimento este que deu origem ao rótulo “terra dos músicos e sacerdotes” que é conhecida por toda população uiraunense e que até hoje pode ser considerado um motivo de orgulho. É importante destacar que essa realidade de intimidade, apreciação da música que orgulha os moradores da cidade só foi possível através de uma rede de sustentação e preservação da tradição na cidade através de ações a exemplo a criação de uma escola de música, de que passaremos a falar a partir de agora.

2.1 A importância da escola de música para a preservação de uma tradição cultural

A partir de 1966 com a fundação da SODAU, foi feita uma mudança na organização da banda de música Jesus, Maria e José e uma delas foi na escola de música que antes era da Igreja e agora passou a ser na sede própria da banda com a ajuda da SODAU.

A partir de agora, qualquer pessoa que tivesse interesse poderia aprender música na escola da SODAU. A escola era mantida por meio de doações e projetos realizados pela diretoria da associação, a manutenção e o conserto de instrumentos musicais eram feitos pelo próprio professor de música da época que tinha experiência e conseguia resolver tais problemas como podemos ver anteriormente na fala do maestro Geraldo Moisés.

Então a SODAU estava fazendo o que era possível para que a escola de música continuasse recebendo novos alunos jovens e adultos, e isso com a ajuda financeira da sociedade e de políticos. Também é importante colocar que o professor de música, na época o músico Ariosvaldo Fernandes, não tinha um salário fixo, ele recebia uma gratificação da SODAU para fazer o conserto e manutenção dos instrumentos musicais e contava com a colaboração de alguns músicos que quisessem contribuir incentivando financeiramente para permanência do professor, um incentivo que não era obrigatório e que não tinha quantia determinada.

De acordo com o depoimento do maestro Geraldo Moisés:

[...] no período de criança eu passei no sítio Vertente município de Triunfo, hoje, de Joca Claudino, eu cheguei aqui em Uiraúna quando eu tinha treze anos, e na minha rua que é a rua monsenhor Constantino, em frente a minha casa existiam componentes da banda de música Jesus, Maria e José, músicos... e lá nessa casa sempre vinham outros músicos da rua para conversar sobre música, ai eu fiz colega... como é... amizade com o pessoal da minha rua e através disso ai foi que eu comecei a.... deu aquela vontade de aprender. Meus colegas todos eles passaram

a estudar música, então eu ia ficar isolado, então “vou também” né entrar na escola de música, que era a escola do nosso saudoso né... Ariosvaldo Fernandes. [sic].¹³

Podemos notar como a música estava presente na vida das pessoas e como era marcante a influência cultural de outras pessoas que acabavam atraindo um público cada vez maior. Aqueles que não eram influenciados por amigos como no caso do atual maestro Geraldo Moisés, eram influenciados a aprender música pelos familiares como no caso do músico Jucelino Fernandes Vieira:

Eu tinha sempre um sonho, um sonho de um dia aprender música, sou de uma família que a música corre nas veias, ainda sou da família Capitão ainda, a família Fernandes, eu toda vida tive esse sonho, primeiro um irmão meu músico, fiquei com desejo danado de entrar em uma escola [...] [sic].¹⁴

O mesmo aconteceu com o atual diretor da SODAU, o senhor José Saliege da Silveira onde ele afirma que “[...] é que eu sempre fui fã de banda de música, sempre acompanhei papai que era maestro dessa banda, nunca... toda vida fui ligado a banda de música então foi por isso que me influenciei a fazer parte dessa gloriosa banda de música”. [sic].¹⁵

Então podemos perceber a forte influência desses familiares que eram músicos e que incentivavam seus filhos a dar continuidade a essa tradição, e assim esse conhecimento era passado de geração para geração.

O ensino de música pode ser muito importante e benéfico na vida das pessoas, principalmente para os mais jovens, pois, a música estimula o desenvolvimento intelectual e social dos alunos. De acordo com Abreu (2007, p. 64):

A aprendizagem da música, tal como outras aprendizagens, requer interação individual social e orientação informal. A música desempenha um papel importante nos primeiros anos. De um modo muito particular, a prática musical activa processos rítmicos. A experiência do tempo e do espaço na infância é diferente da dos adultos. As crianças exploram o tempo e o espaço pelo peso corporal e fluidez do movimento, enquanto que os adultos sabem contar e medir.

Abreu (2007, p. 64) ainda completa afirmando que:

¹³ Narrativa de Geraldo Moisés de Andrade. 66 anos. Maestro. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

¹⁴ Narrativa de Jucelino Fernandes Vieira. 60 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

¹⁵ Narrativa de José Saliege da Silveira. 63 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

[...] é óbvio e razoável que as crianças precisam de música como um meio de repetição rítmica e movimento estruturado. E respondem à música de uma forma muito sensata. A música estimula o crescimento de estruturas do cérebro e liga muitas áreas cerebrais activadas. A prática musical requer uma óptima coordenação motora e melhora o círculo fonológico.

Podemos compreender a partir da colocação de Abreu, e que a música tem um papel muito importante na formação acadêmica dos alunos e no desenvolvimento cultural e criativo das pessoas, já que a música estimula não só o intelecto mas também a coordenação motora, desenvolvendo a sensibilidade e compreensão mais aguçada dos detalhes. E no caso de Uiraúna, a escola da SODAU era exclusivamente para o ensino de música então as pessoas estavam indo para aprender arte e futuramente ingressar na banda Jesus, Maria e José.

Além do desenvolvimento pessoal dos alunos, indiretamente a escola tem um objetivo que é muito importante para a cultura musical na cidade de Uiraúna, que é justamente essa transmissão de conhecimentos. A escola de música tem como objetivo a formação de novos músicos que irão integrar a banda de música Jesus, Maria e José e dessa forma é possível de dar continuidade a essa arte.

Para o senhor Jucelino, músico aposentado da Banda Jesus, Maria e José em relação à escola de música:

[...] a escola musical hoje comandada pela prefeitura municipal, ela tem... ainda só não acabou nossa tradição por conta dessa escola, tem o professor diariamente ensinando, não falta aluno, o pessoal sempre querendo aprender a arte porque música é cultura, se é cultura, Uiraúna como é a terra dos músicos ninguém pode deixar cair essa cultura e a escola só veio engrandecer cada vez mais a nossa cultural. [sic].¹⁶

Podemos perceber no depoimento do músico Jucelino como a escola de música é importante para o mantimento da cultura na cidade, e conseqüentemente para a preservação da banda Jesus, Maria e José. Ele demonstra com muito entusiasmo o amor que sente pela música e reconhece o valor que essa escola tem para a preservação dessa tradição.

Se não existisse uma forma de dar continuidade à música em Uiraúna e não tivesse como formar novos músicos, sem dúvida alguma a banda já teria chegado ao seu fim, então a escola de música por continuar seguindo esse costume e de continuar formando novos músicos, passa a preservar o conhecimento artístico com esses novos músicos que futuramente poderão ingressar na banda Jesus, Maria e José e substituir esses músicos que vão se aposentando e deixando a carreira musical.

¹⁶ Narrativa de Jucelino Fernandes Vieira. 60 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

A escola de música conserva o conhecimento musical quando passa esse conhecimento através de novas gerações de alunos, então é um ciclo que não acabará enquanto existirem pessoas interessadas em aprender essa arte, dando continuidade a cultura em Uiraúna. Sem dúvida alguma, essa escola que é mantida pela SODAU em conjunto com o poder público foi uma maneira encontrada para continuar com essa tradição na cidade e que deu certo. O trabalho dessa escola de música para preservação da tradição e da cultura da música na cidade de Uiraúna e para a preservação das atividades da banda Jesus, Maria e José foi e é certamente indispensável.

CAPÍTULO 3: VEZES E VOZES DOS MÚSICOS DA BANDA JESUS, MARIA E JOSÉ

Nos capítulos anteriores pudemos ver como a música foi importante no desenvolvimento da cidade de Uiraúna tanto na questão estrutural, quanto na vida cultural e no meio social. A música enraizou-se na cultura de Uiraúna, de tal modo que adotou com muito orgulho o rótulo: “terra dos músicos e dos sacerdotes”, fazendo com que os seus, levem por onde passam o título de filho da terra dos músicos.

Essa condição foi marcadamente resultado da escola de música dois de dezembro que mais tarde passou a se chamar Escola Manoel Israel, que era administrada pela SODAU e teve um papel de grande importância para a permanência das tradições e exercícios musicais na cidade, e por conta desse incentivo à cultura vive até os dias de hoje com a banda de música Jesus, Maria e José.

Os cinco entrevistados que contribuíram para a pesquisa são músicos veteranos da banda filarmônica Jesus, Maria e José e são resultado da Escola de Música Manoel Israel. São pessoas simples e que desde pequenas viam a banda de música tocar e quando entraram na escola aprenderam a tocar um instrumento musical como o saxofone, o trompete e a bateria. Esses músicos dedicaram boa parte da sua vida nas atividades musicais e, mesmo estando aposentados, até os dias de hoje ainda participam uma vez e outra das apresentações da banda.

É muito interessante ver como uma escola focada no ensino de música pode fazer a diferença na preservação e permanência de uma cultura. Se não existisse uma escola de música, os músicos da banda Jesus, Maria e José apenas envelheceriam, abandonariam as atividades musicais e a música só teria um futuro certo, que seria o seu fim. Com a existência da escola de música, a cultura pôde ser mantida como tradição, pois, sendo o objetivo da escola transmitir conhecimento musical preparando seus alunos para seguirem uma carreira artística e integrarem nas bandas de música, criou-se um ciclo possível de renovação contínua através das novas gerações de músicos que mantêm preservado esse conhecimento, essa tradição, mantendo viva a cultura da música na cidade.

Logo a seguir podemos ver como era a escola de música na década de 1980 quando sob os cuidados do professor Saliege, professor e músico aposentado da banda Jesus, Maria e José.



Imagem 06: Alunos da escola de música na sede da banda – década de 80. Acervo de fotos da Banda Jesus, Maria e José.

Podemos ver na imagem acima que a escola de música na época contava com a presença de vários alunos e todos utilizavam os instrumentos disponibilizados pela banda de música Jesus, Maria e José e pela SODAU. A escola acolhia alunos de diferentes idades, e podemos notar também a presença de um dos entrevistados, o professor Saliage, que se encontra na fotografia disposto de camisa azul escura, na parte direita da imagem. Chama atenção na fotografia o número de crianças aprendizes da música, são mais de vinte crianças o que no universo da população de Uiraúna de então se tornava bastante significativo.

Um ponto que foi fundamental para a permanência dessa cultura na cidade foi o amor desses músicos pela cultura e pela música. Viam a banda Jesus, Maria e José como o patrimônio maior da cidade e que precisava ser zelado. O professor da escola de música trabalhava sem um salário fixo, e dependia das gratificações que esses alunos davam. Alguns músicos não tinham condições de contribuir, mas podiam frequentar a escola normalmente, e aprender. Dessa forma, o músico Jucelino, prático aposentado da banda Jesus, Maria e José coloca:

[...] o professor ensinava por prazer, por amor e a gente gratificava o professor, como eu te falei a pouco, que a gente pegava a mensalidade mensal só para poder aprender a música porque não tinha aula nem pelo município e nem pela igreja já que a banda era vinculada a paróquia Jesus, Maria e José. A gente se doava por si próprio, tirando do bolso pra aprender a música e depois que a gente aprendia, a gente ia servir a igreja, servir o município, muitas das vezes gratuitamente, só por amor. [sic].¹⁷

¹⁷ Narrativa de Jucelino Fernandes Vieira. 60 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

Da mesma maneira, descreve o músico aposentado da Banda Jesus, Maria e José, o senhor José Nival conhecido como Biguá sobre essa questão:

A escola de música Ariosvaldo Fernandes, a gente pagava na época 5 cruzeiros na época, 5 reais a ele, as vezes a gente não tinha nem condições de pagar, mas ele era muito bom com a gente, ele tinha aquela força de vontade da gente aprender a música, a gente não tinha condições de pagar por mês, chegava o mês e a gente não tinha o dinheiro, e a gente chegava para ele e dizia: “Ari Osvaldo, a gente não tem o dinheiro, não vou mais não, não tenho o dinheiro para pagar o mês, vou mais não.” Aí ele dizia: “Não. Pode vim, quando você pegar no dinheiro você paga”. Ele incentivava a gente e voltava lá de novo, as vezes a gente não pagava e ele sempre dava incentivo a gente, as vezes um mês, dois meses de graça ele deixava a gente estudar, sem a gente pagar, deixava passar direto, sem a gente pagar o dinheiro a ele. E assim a gente continuava, estudar sem pagar mesmo. Quando tinha o dinheiro a gente pagava, quando não tinha, a gente estudava de graça mesmo, a gente tinha vontade de formar aquela bandinha. [sic].¹⁸

Ainda sobre o assunto, complementa o maestro Geraldo Moisés onde ele afirma:

[...] meu professor era Ariosvaldo Fernandes, a gente pagava a ele de acordo com as possibilidades da pessoa. Tinha aluno que não pagava, era assim... eu pelo menos, eu dava uma ajudinha a ele né... ele não era também funcionário né... o dinheiro da SODAU Dedé parece que dava uma quantidadesinha de dinheiro a ele porque ele que era que consertava instrumentos e tudo e parece que pra ele lecionar música pra quem quisesse... então era aquele professor que dava o básico né, que era um pouco de teoria e aprender as lições e as divisões de música. [sic].¹⁹

Podemos ver que a continuação musical era a prioridade para o professor de música Ariosvaldo Fernandes. Esses alunos contribuía com o valor de cinco cruzeiros por mês, ou o valor que pudessem pagar para gratificar o professor, e quando não tinham meios de contribuir podiam continuar com os exercícios sem nenhum problema, estudavam de graça e quando tivessem condições poderiam pagar. A maior preocupação do professor era com a permanência dos alunos assim como dar continuidade da formação desses músicos para integrar na banda Jesus, Maria e José.

Dessa maneira, o baterista aposentado da banda Jesus, Maria e José, Francisco Assis de Lima, também conhecido como João Melão lembra quando recebeu o convite do maestro Dedé de Capitão e do professor de música, Ariosvaldo Fernandes para aprender música:

[...] ai foram bater lá em casa chegou ele e Ariosvaldo e mamãe atendeu né, ai bateram palma né e papai tava trabalhando, ai mamãe “oi seu Dedé tudo bom?” ai ele disse “cumade seu filho ta ai?” ai “tá é o Assis né?” ai ele disse “a... eu conheço

¹⁸ Narrativa de José Nival de Queiróz. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

¹⁹ Narrativa de Geraldo Moisés de Andrade. 66 anos. Maestro. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

ele por João Melão né” (o entrevistado ri) “é, o apelido dele é esse mesmo mas meu filho eu chamo por Assis mas colocaram esse apelido e ficou né” e ela disse “vamo entrar... o senhor quer um cafézin?” ai ele disse “não o negócio aqui é rápido” eu fui e disse ôpa bom dia, tudo bom? Ai ele disse “você é o João Melão ?” ai eu disse colocaram esse apelido né (risadas) esse apelido pegou mais que catarro ai “é mermo, catarro quando pega... mas é o seguinte, João Melão eu ouvi falar de você e que gosta muito de bater em lata de doce, você quer entrar pra banda de música, a banda de música Jesus, Maria e José” ai eu disse “se eu pudesse eu entrava mas eu não tenho condições” ai ele disse “têm... você tem condição, você tem agilidade pra bater nesses negocio, e você não vai entrar tocando agora, você vai ter uns aprendizados lá e ensaiar com seu instrumento, e se quiser você trás pra casa pra praticar... mas não esquecendo os estudos, ai você vai ensaiar mas não esqueça os estudos não que os estudos é o principal [...] [sic].²⁰

Assim como a maioria dos músicos da banda Jesus, Maria e José, o músico Francisco Assis era apaixonado pela banda e pela música. Sempre estava acompanhando a banda por onde tocava sempre que podia. Quando estava em casa, juntava latas de doce para bater imitando os dobrados tocados pela banda. Podemos ver que tanto o maestro quanto o professor de música tinham também a preocupação de convidar os jovens que gostavam de música para participar, aqueles jovens que eram vistos como grandes promessas para a música por seu interesse e habilidade com os instrumentos.

O músico Francisco Assis relembra também de como foi o seu primeiro ensaio com a banda Jesus, Maria e José:

[...] ai os músicos me receberam muito bem “e ai João Melão tudo bom? Vai entrar na banda e ser um músico né?” ai eu disse “não sei quem vai dizer é o maestro se tem condição né” ai fui... Peguei lá, ai ele disse “ai, você não vai tocar agora, você vai praticar, porque você é novato e não conhece as músicas direito mas você vai” ai ele disse “pegue o instrumento” e eu não sabia, todo desengonçado, não sabia como pegava ai Ariosvaldo disse “chegue pra cá rapaz, eu vou le ajeitar” e me deu as baquetas e eu tentando e eu pegava as baquetas e batendo né e eu todo desengonçado não dava de jeito nenhum, e caia de minha mão e eu apanhava, ai eles diziam “ a... mas ele ta nervoso eu tô entendendo” ai Ariosvaldo disse “vocês tão falando demais, quer que o menino toque o dobrado agora é ? ” ai ele disse toque ai qualquer coisinha que você sabia e eu toquei uma batucada né (imitou o som das batidas) batia e batia e ele disse” você bate assim mas não é assim, ai ele me ensinou “você pega aqui e nessa outra aqui, porque se você não pegar aqui você não tem como bater andando desse jeito, tem que bater no meio” ai eu disse tá bom, ta bom “ ai ele disse “uma salva de palmas pra ele” ai todo mundo batendo palma e disse que ta bom, no início é assim mesmo... com o tempo você vai né... ai bateram palma lá e disse “senta ai, sente na cadeira” [...] [sic].²¹

Podemos notar com o relato do músico Assis que a sede da banda era um ambiente para além de encontros musicais, mas também de amigos. Quando Assis chega nervoso na sede para o seu primeiro ensaio, os músicos da banda estão a todo o momento incentivando e

²⁰ Narrativa de Francisco de Assis Lima. 64 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

²¹ Idem.

o encorajando, e ao final da primeira aula o professor pede uma salva de palmas para o aluno pelo esforço, aliás, aquele seria o ponto de partida para a carreira de um novo integrante e admirador da banda de música. Então a forma que o professor interage com o aluno e o incentiva faz toda a diferença no desenvolvimento do aluno, pois a partir do momento que Assis viu que ele estava tendo o apoio dos músicos, e viu que eles estavam acreditando em sua capacidade, podemos dizer que o aluno passou a ter ainda mais prazer em aprender e se dedicar àquilo.

A partir da década de 1970 a banda lutava para conseguir os fardamentos apropriados para suas apresentações, e o músico Francisco Assis relembra e descreve como eram conseguidos os fardamentos:

Sobre as fardas rapaz foi engraçado... no início as fardas era, era a doação tudo do comércio, era os comerciantes... era padre Anacleto naquele tempo ele saia atrás dos comerciante e os comerciantes davam com prazer... faziam o orçamento de quantos músicos era e quantas fardas eram né, e as vez não vinha nem pronta as fardas quem ajeitava era Constantino, que tocava pistom né Dedé ia lá “ói conseguimos ali” no armazém que ali ta fechado né comprava ali, contava quantos retalho era ai comprava e mandava cada um ir lá em Constantino que era amigo dele sabe, “e Dedé pode trazer, mande os músicos tirar as medidas da calça e da camisa né...” túnica também ai ele fazia bem direitinho, ná época quem fazia o fardamento era ele, o tempo foi passando, passando.. João Claudino vinha muito aqui, gostava muito da banda de música, nera?! Ele disse “nam eu mando lá de Teresina”, tira as medidas de todos os músicos, já sai toda prontinha, desde essa parte a gente é amigo, aí pronto pegou essa amizade... João Claudino, mas era feita no começo, agente recardava sabe, ele dizia “dar para comprar essa roupa?”, “dar”, aí ia lá falava com o gerente lá, era família do capitão Ermínio, “faça um preço bom no fardamento”, era caro, mas era muito, aí a gente faz um abatimento aqui, faça isso aí que é para banda de música e fomos comprar 3, 4 fardamentos foi dado pelo comércio. Padre Anacleto começou aí dizia que os comerciantes não estava mais conseguindo, aí depois passou para João Claudino. [sic].²²

Podemos notar que os comerciantes locais contribuía com muito prazer sempre que podiam, na doação dos fardamentos para a banda de música. O empresário João Claudino, proprietário da rede Armazém Paraíba e filho de Uiraúna também é um dos grandes admiradores da banda Jesus, Maria e José, e sempre atendeu aos pedidos da banda contribuindo para sua permanência, doando fardamentos, e calçados para os músicos. A banda era muito querida e motivo de orgulho para a população de Uiraúna, e assim como o empresário João Claudino e os comerciantes da época, as pessoas estavam ali presentes ajudando e assistindo o crescimento da banda Jesus, Maria e José.

²² Narrativa de Francisco de Assis Lima. 64 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

De acordo com o histórico da Banda de Música Jesus, Maria e José do ano de 1998, que se encontra nos arquivos da SODAU:

A gloriosa Banda já participou de Concursos e festivais, destacando-se nesses eventos. Em 1962, participou de um concurso na cidade de Campina Grande, promovido pela empresa ARGOS INDUSTRIAL, de São Paulo, obtendo 2º lugar. Em 1973, conseguiu o 2º lugar na Paraíba, promovido por GRAN PIRES E PBTUR, realizado na capital do Estado. Em 1980 tirou o 1º lugar no FESTIVAL DE BANDAS DE MÚSICA DO INTERIOR, realizado na vizinha cidade de Sousa.

Podemos notar como a banda Jesus, Maria e José estava crescendo e expandindo a sua cultura em vários lugares do Estado. Quando era convidada a se apresentar em outras cidades, ela estava levando consigo o nome de Uiraúna, e deixava sua marca por onde passava, encantando a todos com música e talento, mostrando por que Uiraúna era conhecida como a “terra dos músicos”, e com certeza era uma banda que se destacava entre as demais.

Com sua participação nesses concursos e eventos a banda sempre adquiria premiações e troféus como uma forma de agradecimento e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelos músicos. Muitos troféus foram adquiridos durante toda a sua jornada, aliás, trata-se de uma banda com mais de cem anos de existência. Além dos concursos citados acima, a Banda Jesus, Maria e José participou de encontros de bandas em vários municípios, como: Poço de José de Moura-PB, Cajazeiras-PB, Bernardino Batista-PB, Luís Gomes-RN, Riacho de Santana-RN, Marcelino Vieira-RN, Major Sales, e Recife-PE. O reconhecimento do talento da banda Jesus, Maria e José estava indo além das fronteiras do Estado da Paraíba, e se espalhando por outros Estados.

Podemos ver logo abaixo uma fotografia dos troféus conquistados pela banda de música Jesus, Maria e José em toda sua trajetória, participando de encontros e festivais de bandas de música até os dias de hoje.

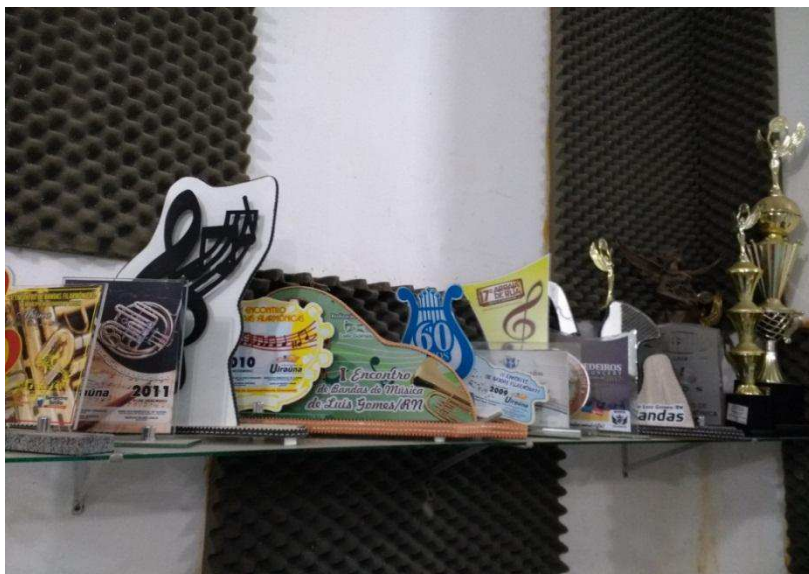


Imagem 07: Troféus da Banda Jesus, Maria e José. Acervo pessoal (2018)

Até o ano 2000 a banda também continuava tocando para a Igreja de Uiraúna em suas novenas e missas. A banda recebia o convite da paróquia para participar, e eles compareciam com seus instrumentos e tocavam nas festividades da Igreja. A única situação em que tocavam em nome da Igreja onde era recebido algum tipo de pagamento era apenas nas festividades de Janeiro, momento que a Igreja realiza anualmente as conhecidas quermesses, na qual produzia uma grande festa com música, vendas de comidas típicas, e missas. Era também o momento de reencontro dos filhos da terra de Uiraúna que estavam morando em outras cidades e que voltava para reencontrar seus familiares nessa época. Logo abaixo podemos observar uma imagem da Banda Jesus, Maria e José em seu aniversário de oitenta e cinco anos de existência, concentrados em frente da Igreja Matriz de Uiraúna.



Imagem 08: Aniversário de 85 anos da Banda Jesus, Maria e José (1999). Acervo de fotos da Banda Jesus, Maria e José.

Podemos ver na fotografia acima, a quantidade de músicos atuantes da banda de música Jesus, Maria e José, e ao redor deles estão apreciadores da música e familiares desses músicos que sempre estão presentes acompanhando a tradição que é mantida pelos mesmos. Podemos notar também que boa parte dos músicos são mais jovens, são músicos que integraram a pouco tempo na banda e que são o resultado da escola de música Manoel Israel. Vale ressaltar que todos os músicos da fotografia foram formados na escola de música, seguindo os ensinamentos dos antigos professores Ariosvaldo (*in memoriam*), Walterluz (*in memoriam*), Dedé de Capitão (*in memoriam*) e Saliege, músicos que se empenharam como professores de música ajudando a manter essa cultura viva até hoje na cidade de Uiraúna.

Apesar da Banda Jesus, Maria e José não ter mais uma dependência da Igreja Católica de Uiraúna, que foi sua fundadora, não existiu uma exclusão entre ambas. Era comum ver a banda tocando em frente a igreja e registrando esses momentos, e assim, banda de música continuava tocando nas festividades da Igreja e contribuindo da maneira que fosse possível.

De acordo com o músico Biguá, saxofonista aposentado da banda Jesus, Maria e José era garantida a participação da banda nas festas de Janeiro:

Quando chegava o período da festa de janeiro, havia as reuniões da comissão da festa e o padre chegava pra o maestro e contratava a banda e a gente ensaiava e tocar a festa quem pagava era a padroeira, pagava a banda e a gente ia tocar durante nove noites, tocava alvorada, tocava salmo, tocava os novenários e as três noites de quermesse, tocava a procissão, aí o valor naquela época era mínimo, era um valor pouquinho mas a gente tocava, a banda tinha o nome Jesus, Maria e José, a gente ia tocar a festa, a gente também não ligava muito o dinheiro não, a gente queria se apresentar mesmo, não ligava quantidade, contratava e a gente ia por vontade mesmo. [sic].²³

Da mesma forma fala o músico Francisco Assis:

Não tinha salário não, a gente ia por amor mesmo porque gostava mesmo e quando tinha uma festa a banda ia e não ganhava nada” e as vezes eu tocava lá e tinha uma comida e bebida mas não tinha salário pra banda, era por amor mesmo. E tinha essa tradição da banda Jesus, Maria e José e uns foram saindo e outros foram entrando e foi se mantendo essa tradição e até hoje está se mantendo né. [sic].²⁴

A partir do depoimento dos músicos Biguá e Assis, podemos ver que o dinheiro não era a principal motivação dos músicos da Banda Jesus, Maria e José, eles sempre estavam à disposição da Igreja para suas festividades religiosas e iam tocar sem cobrar por seu trabalho.

²³ Narrativa de José Nival de Queiróz. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

²⁴ Narrativa de Francisco de Assis Lima. 64 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

Na festa de janeiro, se seguia uma sequencia maior de apresentações, somando um total de nove dias de festa, período em que a banda recebia uma gratificação pelo serviço prestado. Com certeza o dinheiro recebido nessas ocasiões era de grande ajuda para os músicos, já que eram pessoas simples e humildes da sociedade, mas, o amor pela música, de apresentar seus talentos para o público animando uma festa frequentada por toda a sociedade uiraunense era uma satisfação ainda mais gratificante.

Os alunos que aprenderam na escola de música Manoel Israel cresceram e se tornaram professores de outras escolas de musicas da região, ou são maestro de bandas marciais e filarmônicas distribuídas na cidade de Uiraúna e que são influenciadas pela banda centenária Jesus, Maria e José. A escola de música tem ao longo de sua história produzido e estimulado o conhecimento artístico de seus alunos para que futuramente, esses alunos possam assumir o papel de mediadores e difusores dessa tradição.

Como coloca o músico Biguá:

Eu acredito que se não fosse ainda esses professores de música aí pela prefeitura, existe muita criança aí que anda aprendendo aí, então os professores, como Junior, né?! Geraldo Junior que músico por aí, Helton, Blínio, que tem as escolas da fanfarra, é um incentivo grande que ainda existe porque Uiraúna hoje pelos menos é cheio de músicos nesses colégios. [sic].²⁵

O músico José Nival conhecido como Biguá completa com emoção falando sobre o que sentiu quando viu um aluno da escola de música passando com seu instrumento:

Ontem eu ia passando, um rapazinho ia com o instrumento, eu parei ele ali e disse: “rapaz, vem cá”, perguntei a ele que instrumento é esse, aí ele disse: “é um sax barito”, aqui em Uiraúna de primeiro o caba nunca via, eu mesmo na minha época eu ia pegar o instrumento na casa de um amigo meu que era músico pra e chamava ele para emprestar e trazia para minha casa para aprender, e hoje no meio da rua todo mundo anda com um instrumento da mão, outro é com um saxofone, outros com trombone, hoje tá vendo o incentivo ainda da prefeitura e dos maestros que ainda tá ensinando a música, tá havendo ainda um incentivo do poder municipal. [sic].²⁶

Mais uma vez podemos ver o resultado da escola de música de Uiraúna que até hoje vem mantendo com determinação dos professores e músicos, a tradição na cidade, e é uma questão que emociona todos os músicos quando falamos sobre esse assunto. É gratificante ver que a banda pela qual você dedicou tanto tempo de sua vida continuar recebendo crianças e

²⁵ Narrativa de José Nival de Queiróz. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

²⁶ Idem.

jovens de várias idades que ainda tem o interesse de aprender sobre a música e dar continuidade a essa tradição que enraizou na “terra dos músicos e dos sacerdotes”.

Vimos durante toda a discussão a respeito da banda de música Jesus, Maria e José, uma série de dificuldades que estiveram presentes na trajetória da mesma, desde o momento de sua fundação, problemas como falta de investimento e verbas para que fosse possível dar continuidade às atividades musicais da banda na cidade, a falta de valorização do músico como uma profissão, a falta de instrumentos musicais, o sacrifício que os músicos tinham que fazer para poder se apresentar em outras cidades pela dificuldade de transporte da época, a falta de um espaço para ensaiar, entre outras dificuldades.

Essas dificuldades apresentadas sempre foram superadas com muito trabalho e dedicação dos músicos que tinham o interesse de manter a Banda Jesus, Maria e José e mesmo tendo poucas condições financeiras, estes dedicavam o seu tempo e compartilhavam do prazer de tocar e participar das apresentações da banda.

Ao falar sobre a importância e a representação da banda de música para os músicos da terra, o músico Biguá responde:

A banda Jesus, Maria e José é uma banda conhecida em todo sertão paraibano, é conhecida mundialmente porque quando a gente fala na banda Jesus, Maria e José é conhecida mundialmente, pelo menos os filhos ausentes que moram por aí no mundo, nos países aí a fora, quando fala na banda Jesus, Maria e José é um coisa mais conhecida que tem no mundo aí, pesares dos pesares que hoje está sendo meia decadente, mas a banda tá em pé ainda [...] [sic].²⁷

Ele finaliza afirmando que:

A banda Jesus, Maria e José, representa, é um cartão postal, é um coisa que traz para mim, para todos filhos de Uiraúna, uma coisa cultural que leva o nome de Uiraúna lá fora, eu acho que a banda Jesus, Maria e José não pode se acabar tão cedo, é o que leva o nome de Uiraúna lá fora, não pode tá do jeito que está, tem que aparecer uma coisa para levar o nome de Uiraúna lá fora, como é conhecida e tem que continuar como ela era antigamente. [sic].²⁸

Podemos ver que a banda é vista como a atração principal da cidade, com o que mais a representa, quando se fala no tema cultura, assim como pensa o músico Biguá, que considera a banda de música Jesus, Maria e José o “cartão postal” da cidade de Uiraúna, os demais músicos da banda tem o mesmo tipo de consideração. Essa banda carrega uma história de mais de 100 anos, e isso já é uma tradição de deve ser preservada e reconhecida tanto na

²⁷ Narrativa de José Nival de Queiróz. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

²⁸ Idem.

cidade de Uiraúna quanto em toda a região, ou como coloca o entrevistado, pode ser reconhecida mundialmente, desde que aqueles filhos da terra levem seu nome por onde passem.

Além da bela história que a Jesus, Maria e José que eleva a cultura da cidade de Uiraúna, não poderíamos deixar de falar um pouco sobre a história e a importância dos músicos que são os responsáveis pelo funcionamento e a preservação dessa cultura. Os mesmos músicos que muitos deles dedicaram uma vida toda para preservar e enriquecer a cultura da cidade, e continuar contribuindo para que a banda centenária Jesus, Maria e José não encontrasse o seu fim.

Ainda falando sobre a importância da banda de música Jesus, Maria e José o músico Francisco Assis faz um apelo aos músicos da cidade:

Recomendo a todos que forem músicos que não deixem a banda né... vai chegando o tempo da aposentadoria deles e vão para outros lugares com melhores salários mas nunca esqueçam a banda porque a banda... eles foram nascidos na própria banda de música... porque muitos músicos estão hoje aí nessas cidades a fora aí, mas eles saíram daqui músicos né, e tudo foi da banda Jesus, Maria e José e sempre tinha uma apresentação e hoje os músicos são muito conhecidos, a tradição de Uiraúna é muito conhecida... e nunca esqueça a banda porque a banda é o conteúdo e a tradição de Uiraúna. [sic].²⁹

Podemos ver a preocupação do músico Assis, baterista aposentado da Banda Jesus, Maria e José, com a preservação da banda e da tradição que ela carrega até os dias de hoje. Ele foi um dos músicos formados na escola de música da Banda Jesus, Maria e José e se dedicou ao máximo para que a banda crescesse e fosse lembrada por onde passasse. Assim como os demais músicos da banda, o senhor Assim sempre esteve à disposição, se apresentando e difundindo a sua cultura para todos, e tudo pelo amor conquistado a arte musical.

Para esses músicos, a Banda Jesus, Maria e José é muito mais do que um símbolo de cultura que é conhecida por toda a população da cidade, é vista como o resultado de toda uma trajetória de suas carreiras, pode ser vista como o amor pela arte que é expressa quando executam uma bela melodia em seus instrumentos, como a união de amigos e familiares. Essa banda de música é uma grande riqueza que foi se evoluindo e ficando ainda mais valiosa com o passar do tempo, e os músicos fazem o possível para que essa riqueza continue sendo preservada.

²⁹ Narrativa de Francisco de Assis Lima. 64 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos voltamos para o estudo da trajetória da banda de música Jesus, Maria e José pudemos verificar uma série de dificuldades que poderiam ter ocasionado o seu fim. Quando a banda foi fundada em 1914 com o nome de Costa Correia a Igreja teve a intenção de manter ativa para que continuasse se apresentando nas missas e festividades religiosas, afinal de contas, era uma novidade na região e animava toda a população, e de certa forma estaria estimulando as habilidades artísticas dos habitantes do distrito de Belém, mas, não existia um plano de ação, uma organização que pensasse como essa banda seria mantida. A banda foi fundada e continuaria em funcionamento enquanto fosse possível mantê-la, e por conta desse mau planejamento, teve que ser desativada por um período de três anos, correndo o risco de ser desativada outras vezes.

Sob a égide da Igreja faltava por parte desta, o interesse de planejar uma forma mais efetiva de manter essa banda em pleno funcionamento, pensar como poderiam arrecadar uma renda que fosse suficiente para arcar com as necessidades de toda a estrutura da banda. Mas como vimos anteriormente no primeiro capítulo dessa pesquisa com Cardôso (2005), quando a banda foi fundada não contava nem com um local apropriado para que os músicos pudessem praticar a execução dos instrumentos. As aulas teóricas muitas vezes aconteciam na casa dos alunos, ou quando o salão que se encontra por trás da Igreja não estava ocupado.

De acordo com o músico aposentado, o senhor Jucelino sobre as melhoras na banda após a criação da SODAU na década de 1960:

[...] a SODAU foi a associação que ela contribuiu bastante, ela deu uma evoluída para não deixar cair porque naquela época a criação da SODAU, tinha várias verbas que eram adquirida através de políticos, senadores, deputados e arranjavam verbas, subsídio para manter a banda em termos de instrumentos, material pra, como é que se diz?... quando um instrumento de danificava tinha que ter um professor para puder pegar aquele instrumento e recuperar, precisava de dinheiro. Então o maestro da época, ele teve, como é que eu diria? ... a felicidade de conseguir a SODAU que é uma associação, por sinal ela vem sendo mantida até hoje. [sic].³⁰

Analisando as condições que estava a banda antes da década de 1960 antes da criação da SODAU e a opinião dos músicos da banda Jesus, Maria e José, podemos ver que o reconhecimento da banda de música como uma organização cultural que deveria ser valorizada começou a partir da criação da SODAU no ano de 1966, onde os músicos da banda

³⁰ Narrativa de Jucelino Fernandes Vieira. 60 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

Jesus, Maria e José se uniram e resolveram se organizar, criando assim uma associação que zelasse pelo bem da cultura da cidade e pelo mantimento da banda Jesus, Maria e José. Foi a partir desse período que o poder público e comercial da região começaram a investir ainda mais na banda, e hoje podemos ver o resultado na bandeira do município de Uiraúna e na praça que foi construída em homenagem aos músicos.

Como ficou claro através das opiniões e falas dos músicos entrevistados e abordando toda a discussão feita nos capítulos anteriores, a banda de música Jesus, Maria e José só conseguiu se manter ativa por três motivos, que seriam o tripé de sustentação dessa tradição em Uiraúna: o primeiro seria o amor e a dedicação dos músicos da banda. Pudemos analisar nos depoimentos dos músicos entrevistados como eles se emocionavam ao falar de suas experiências na banda de música e as situações que presenciaram dia a dia como músicos. A emoção de poder se apresentar e de chamar a atenção do público, ter a emoção de fazer parte de uma banda que era tão querida e tocando os dobrados e músicas populares, como nos conta o músico aposentado Francisco Assis, sobre suas apresentações e orgulho que ele e sua família sentiam:

Eu achava bom demais, a banda ia tocar fora, e aqui mesmo mandava vestir o fardamento, eu achava bonito. Mamãe dizia: “Ihh tá parecendo um artista”, aí me ajeitava todim, “dar uma voltinha aí pra eu ver”, “tá bem bonitinho”. “Deixa eu ajeitar aqui direitinho”, ajeitava uma coisa no braço arrumava um botão que tava solto aqui, o sapato direitinho..., “ande direitinho rapaz, ande mais ereto, tá andando meio encurvado” aí ficava... “tá bom muito bem dá pra tocar... tá sabendo tocar?” eu dizia eu tô aprendendo né (risadas) ela achava graça “tá bom muito bem, vá com Deus” aí eu ia... e ela ia até assistir quando era aqui dentro da cidade no dia 7 alguma coisa aí eu tava desfilando e ela mandava bater foto aí ia lá naquele tempo o caba batia foto aí dizia “eu quero quatro”, “tá bom vou mandar revelar” e naquele tempo era preto e branco naquele tempo não tinha cor né... aí eu tinha o maior prazer demais em tocar, e tá indo pra cidade pra fora eu achava bom e me sentia bem... aí eu fui pegando gosto rapaz e disse agora eu tô na banda. [sic].³¹

Então é por conta desse tipo de emoção, desse tipo de sentimento que os músicos faziam o que era possível para manter a banda em funcionamento. Os músicos tem amor pela música e pela arte e isso fazia com que eles continuassem enfrentando as dificuldades.

O segundo motivo que claramente pode ser notado nas falas dos músicos e até mesmo na história da banda, é investimentos da população e os comerciantes de Uiraúna e do poder público. As pessoas que gostavam da banda de música Jesus, Maria e José doavam dinheiro ou contribuía de qualquer outra maneira ajudando os músicos. Como foi dito pelo músico Francisco Assis no capítulo anterior, esses comerciantes e apreciadores da banda de música,

³¹ Narrativa de Francisco de Assis Lima. 64 anos. Músico aposentado. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência em Uiraúna-PB.

sempre que podiam doavam fardamentos e calçados para os músicos da banda para que pudessem se apresentar com um fardamento adequado e padronizado. O apoio da população que assistia todas as apresentações da banda de música estimulando os músicos a seguirem com suas atividades, e os candidatos políticos, deputados e vereadores da região que respondiam aos apelos e projetos da direção da SODAU e dos músicos da Banda Jesus, Maria e José foram essenciais para arcar com as despesas e a manutenção da sede, dos instrumentos e dos assessorios em geral da banda.

O terceiro motivo que ajudou a manter essa cultura viva até os dias de hoje foi a escola de música Manoel Israel como ferramenta principal de preservação da cultura e da tradição musical. Essa tradição da música filarmônica que ainda existe na cidade só se tem por conta da escola de música que com o esforço dos professores, dão continuidade a novas gerações de alunos que se tornaram músicos e continuaram levando para frente o conhecimento musical e artístico que representa a cidade de Uiraúna.

A partir desse estudo e com o uso dos documentos fornecidos pela SODAU e pela banda, assim como as entrevistas dos músicos veteranos da banda Jesus, Maria e José podemos concluir afirmando que a força de vontade desses músicos foi o diferencial para que a cultura ainda permanecesse viva na cidade, e as conquistas obtidas vieram com o reconhecimento da população por esse esforço. Hoje a cidade de Uiraúna é reconhecida como a “terra dos músicos e sacerdotes” e esse título é carregado com muito orgulho pelos músicos da Banda Jesus, Maria e José, a banda centenária que deu origem a tradição cultural e musical da cidade e que é um exemplo que deve ser preservado.

Assim, a banda vem se mantendo preservada até os dias atuais, graças ao amor e dedicação dos músicos que se esforçam para continuar com suas atividades musicais e dão todo o apoio aos alunos da escola Manoel Israel, que continua formando músicos e levando esse conhecimento e essa tradição através das novas gerações. Nossa intenção foi discutir e apresentar em que condições a banda foi fundada, e mostrar como ela acabou se tornando um ícone de tradição e cultura da cidade de Uiraúna com a ajuda e o esforço dos músicos, da população uiraunense e dos comerciantes e políticos da região, que eram apreciadores dessa arte. E nossa pretensão com esse trabalho é expandir ainda mais a história da banda Jesus, Maria e José elevando a sua importância cultural, e enriquecendo a historiografia dessa banda que deve continuar sendo preservada, mostrando como a valorização e a dedicação em conjunto podem fazer a diferença e proteger uma tradição cultural que se mantém por mais de cem anos.

FONTES

LIVRO DE ATAS. Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna. Uiraúna-PB, 1966.

HISTÓRICO INFORMATIVO. Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna. Uiraúna-PB, 1998.

REVISTA UIRAÚNA 50 anos. **A melodia nos caminhos da fé.** 1 ed., dez. de 2003.

REVISTA UIRAÚNA. **Origem, Independência e Consolidação de Crescimento.** 11 ed., dez. 2013.

REVISTA UIRAÚNA. **Tocando a vida: Dobrados do Tempo.** 12 ed., dez. 2014.

FONTES ORAIS (ENTREVISTAS)

ANDRADE, G.M. **Geraldo Moisés de Andrade**: depoimento [out. 2018]. Entrevistador: Pablu Pereira de Andrade. Uiraúna, 2018. (08 min 05s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

LIMA, F.A. **Francisco de Assis Lima**: depoimento [nov. 2018]. Entrevistador: Pablu Pereira de Andrade. Uiraúna, 2018. (1h 03min 12s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

QUEIROZ, J.B. **José Nidival de Queiroz**: depoimento [nov. 2018]. Entrevistador: Pablu Pereira de Andrade. Uiraúna, 2018. (13 min 45s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SILVEIRA, J.S. **José Saliege da Silveira**: depoimento [out. 2018]. Entrevistador: Pablu Pereira de Andrade. Uiraúna, 2018. (16 min 06s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

VIEIRA, J.F. **Juscelino Fernandes Vieira**: depoimento [out. 2018]. Entrevistador: Pablu Pereira de Andrade. Uiraúna, 2018. (09 min 11s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Dariana Nogueira de. **Música, ofício e devoção: A irmandade de Santa Cecília no Rio de Janeiro do século XVIII**. 2011.
- ABREU, Wlisses Estrela de Albuquerque. No centenário da banda, 90 anos de falecimento do seu fundador. **Revista Uiraúna**, 12ª ed., p. 12-13, dez. 2014.
- ABREU, Liliana Filipa Lopes de. **Um Contraponto entre Música, Educação e Cultura: O acesso á cultura em diferentes contextos (in) formais de aprendizagem musicais** / Liliana Filipa Lopes de Abreu. – Porto, PT, 2007.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CARDOSO, Paulo Marcelo Marcelino. **Lourival Cavalcanti e o Universo das Bandas de Música**. 2005. p. 232 . Dissertação (mestrado). Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal-RN, 2005.
- COLI, Jorge. *O que é Arte*. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo-SP, 1995.
- FREITAS, Eveliny Cesário de. **Uiraúna-PB “Terra dos Músicos”: Influência da Banda Filarmônica Jesus, Maria e José na sociedade uiraunense (1960-1980)**. 2017, 73 f. Monografia (graduação). Centro Acadêmico de História. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras-PB, 2017.
- LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- GALIZA, Beta. Banda de Música de Uiraúna completando 100 anos de sons que expressam a vida. **Revista Uiraúna**, Uiraúna – PB, 11ª. ed., 05, dez. 2013.
- LIMA, Idelbrando Alves de; GOLDFARD, Patrícia Lopes. Religiosidade e Intolerância na Parahyba colonial: O trabalho da catequese franciscana entre os nativos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano II, n. 4, Mai. 2009 - ISSN 1983-2850.
- MORAES, J. Jota de. *O que é música*. 1ª ed., Editora Brasiliense, 1983.
- MOREIRA, Harley Abrantes. **A Reinvenção do Sertão do Ceará por uma Fortaleza Nova**. Ver. Especialidades [online]. 2008, vol. 1, no.0.
- NETO, Antônio Batista da Silva Neto. Uma referência aos padres de Uiraúna. **Revista de Uiraúna**, Uiraúna – PB, 1ª ed., p. 13-15, dez. 2003.
- SILVA, Maria dos Remédios da. **Uiraúna, “Terra dos sacerdotes e dos músicos”: discursos e representações**. 2011. 95 f. Monografia (Especialização em História do Semiárido Nordeste). Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras-PB, 2011.
- TINHORÃO, José Ramos, 1928 – **Música popular: um tema em debate** / José Ramos Tinhorão; 3ª edição revista e ampliada. – São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 192.

APÊNDICE

Apêndice A: Entrevista com Geraldo Moisés de Andrade (14/10/2018)

ENTREVISTADOR: Hoje estamos aqui com o atual maestro da banda Jesus, Maria e José, o senhor Geraldo Moisés de Andrade e lembramos que aqui hoje o intuito da entrevista é pra fazer, executar a monografia que vai ser defendida no mês de Dezembro, e o maestro tá cooperando pra realização dessa pesquisa. Então, boa tarde senhor Geraldo, é... quantos anos o senhor tem hoje ?

ENTREVISTADO: Hoje estou com sessenta e seis anos de idade.

ENTREVISTADOR: E quando foi que o senhor integrou nessa vida da música, o que foi que estimulou o senhor a entrar nessa vida musical?

ENTREVISTADO: Olha, eu, eu... no período de criança eu passei no sítio Vertente município de Triunfo, hoje, de Joca Claudino, eu cheguei aqui em Uiraúna quando eu tinha treze anos, e na minha rua que é a rua monsenhor Constantino, em frente a minha casa existiam componentes da banda de música Jesus, Maria e José, músicos... e lá nessa casa sempre vinham outros músicos da rua para conversar sobre música, ai eu fiz colega... como é... amizade com o pessoal da minha rua e através disso ai foi que eu comecei a... deu aquela vontade de aprender. Meus colegas todos eles passaram a estudar música, então eu ia ficar isolado, então “vou também” né entrar na escola de música, que era a escola do nosso saudoso né... Ariosvaldo Fernandes.

ENTREVISTADOR: E em que época foi esse momento?

ENTREVISTADO: Isso foi em mil novecentos e sessenta e sete. Eu lembro bem que quando eu fui, a primeira aula que eu tive com ele, ele elaborou um cadernozinho de lições e teoria... um pouco de teoria, e eu lembro bem que a data foi outubro de mil novecentos e sessenta e sete que eu comecei a estudar, eu estudei e quando foi em sessenta e oito ai eu já tava já adiantado nas lições então eu resolvi ingressar na banda.

ENTREVISTADOR: Certo... então a gente sabe que até o ano de mil novecentos e sessenta e seis a banda Jesus, Maria e José era vinculada à Igreja matriz aqui de Uiraúna... o senhor sabe como era essa relação entre a banda e a igreja católica? Como era o financiamento? O que era que acontecia?

ENTREVISTADO: Não... a questão da igreja... a igreja começou quando o padre Anacleto em mil novecentos e trinta! Quando a banda... é... ressurgiu que ela foi fundada em mil novecentos e quatorze e teve uma para em mil novecentos e vinte e sete, e em mil novecentos e trinta, que padre Anacleto que era vigário atual de Uiraúna convocou o pessoal da sociedade de Uiraúna para reativar a banda, por isso a banda veio com o nome de Jesus, Maria e José. E a igreja... através da igreja e do padre Anacleto, parece que ele conseguiu alguns instrumentos né, musicais que ele conseguiu e doou para a banda. Então o primeiro vínculo foi esse aí, mas questão de... de apoio eu não sei se a igreja dava apoio... só quando a banda tocava assim, na festa da padroeira. O único dinheiro mesmo que eu sei que nesse período e quando eu entrei... quando a igreja era vinculada a banda e tinha esses instrumentos lá só ganhava quando tocava a festa da padroeira.

ENTREVISTADOR: Certo... bom, após o ano de mil novecentos e sessenta e seis, foi feita a criação da Sociedade de Difusão Artística... que é a SODAU. O senhor acredita que melhorou, no ponto de vista do senhor, após a criação da SODAU melhorou a articulação da banda, o desenvolvimento... da banda valorização?

ENTREVISTADO: Olha, a criação da, da... da Associação de Difusão Artística de Uiraúna, a SODAU foi um meio, que foi encontrado para que a banda conseguisse alguma coisa, e recurso de órgão público por exemplo, dinheiro federal né, parece que o Padre Vieira que era muito amigo de Dedé de Capitão, filho daqui de Uiraúna que era um deputado federal, então ele aconselhou para que ele criasse essa associação que era uma maneira de conseguir recursos em Brasília, é certo... é claro que melhorou porque esse dinheiro vinha, os deputados que doavam esse dinheiro, por exemplo eu conheci que o padre Vieira, o ex deputado federal Antônio Mariz, parece que Wilson Braga... então alguns deputados que eram votados na nossa região, eles destinavam dinheiro... uma quantinhasinha em dinheiro para a SODAU, esse dinheiro que Dedé pegava para pagar o conserto de alguns instrumentos, ou fazia uma benfeitoria na sede, então esse dinheiro era pra isso, então certamente melhorou... antes não tinha apoio de nada, então com esse dinheirinho, todos anos vinha esse dinheiro que os deputados colocavam pra SODAU, destinado pra SODAU, aí ele sacava esse dinheiro e comprava alguma coisa.

ENTREVISTADOR: Em relação ao ensino de música, como era feito a metodologia, como era o ensino de música na época que o senhor começou a aprender?

ENTREVISTADO: Eu fui... é... meu professor era Ariosvaldo Fernandes, a gente pagava a ele de acordo com as possibilidades da pessoa. Tinha aluno que não pagava, era assim... eu pelo menos, eu dava uma ajudinha a ele né... ele não era também funcionário né... o dinheiro da SODAU Dedé parece que dava uma quantidadesinha de dinheiro a ele porque ele que era que consertava instrumentos e tudo e parece que pra ele lecionar música pra quem quisesse... então era aquele professor que dava o básico né, que era um pouco de teoria e aprender as lições e as divisões de música.

ENTREVISTADOR: E na opinião do senhor, a escola de música aqui de Uiraúna, ela é fundamental? O que o senhor acha que ela é capaz fazer ou que ela faz, que é capaz de fazer essa preservação da música aqui na cidade... o que acha que faz com que essa valorização aconteça ou que estimule essa valorização na mente dos alunos?

ENTREVISTADO: A escola é fundamental... hoje nós temos a escola de música que é a Manoel Israel... que é... é paga pela prefeitura que dá uma ajuda ao professor lá né, e é fundamental porque através dessa escolinha que tá saindo alguns jovens que né... querem aprender a arte musical e está preservando né, se não fosse essa escolinha talvez fosse mais difícil de dar continuidade... a, a atividade musical em Uiraúna.

ENTREVISTADOR: Ok, então agradeço a colaboração do senhor, tenha uma boa tarde.

ENTREVISTADO: Tudo ok.

Apêndice B: Entrevista com JOSÉ SALIEGE DA SILVEIRA (14/10/2018)

ENTREVISTADOR: Estamos Aqui para fazer a entrevista para o professor de música Saliege, que também é um dos músicos da Banda de Música Jesus, Maria e José e o intuito dessa entrevista é pra poder fazer a realização da minha monografia que vai ser apresentada agora em dezembro e essa entrevista vai colaborar muito pra realização desse estudo.

Então começando aqui com a primeira questão senhor Saliege, é... o senhor pode falar o nome completo do senhor e a sua idade?

ENTREVISTADO: Bom dia Pablu, estou é... estou aqui para responder suas perguntas. Qualquer coisa nós tamos respondendo. Como foi a pergunta?

ENTREVISTADOR: O seu nome completo e a sua idade.

ENTREVISTADO: Sim... Meu nome é José Saliege da Silveira, minha idade é 63 anos.

ENTREVISTADOR: Certo Saliege, então... a gente vê, sabe que o senhor é músico de muito tempo né, quando foi que o senhor começou a aprender a música e quantos anos o senhor tinha quando o senhor começou a aprender?

ENTREVISTADO: Comecei com 15 anos, na época eu tinha 15 anos foi em 1969.

ENTREVISTADOR: E o que foi que motivou o senhor a ingressar nessa vida da música, o que foi que o motivou?

ENTREVISTADO: O motivo... É... é que eu sempre fui fã de banda de música, sempre acompanhei papai que era maestro dessa banda, nunca... toda vida fui ligado a banda de música então foi por isso que me influenciei a fazer parte dessa gloriosa banda de música.

ENTREVISTADOR: Certo... então foi no ano de 1969 né isso que o senhor ingressou?

ENTREVISTADO: Foi, isso.

ENTREVISTADOR: Pronto, na época que o senhor ingressou existia já uma escola fixa onde o senhor começou a aprender? Como era essa escola de música da sua época?

ENTREVISTADO: Sim, já existia. A escola de música tinha um professor para dar aulas teóricas e práticas, e ensinar a gente também a disciplina, a nossa, a nossa vida.

ENTREVISTADOR: Certo, então é... até antes de 1966 a gente sabe que a igreja... a banda ela era vinculada a igreja católica não é isso ? Então o senhor sabe apresentar, dizer como era essa relação da banda com a igreja?

ENTREVISTADO: Sim, até sessenta e seis... mil novecentos e sessenta e seis a nossa banda pertencia a igreja, depois, é... com as dificuldade que a igreja também tinha pra manter a banda, nós... nós não, ah.. os nossos pais que eram os representantes da banda fizeram um apelo ai a um deputado filho da terra para fazer uma associação aqui, criar uma associação, e nessa época essas dificuldades era muito grande, eles com seguiram com o monsenhor Manoel vieira, criar essa associação que até hoje está ainda... está sobrevivendo, com o nome da SODAU. Criou a associação com a sigla SODAU que significa, é... Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna. Então... é, com essa associação, a banda de Uiraúna vem sobrevivendo com todo, todo o esforço está ai sobrevivendo graças a essa associação. Porque a igreja não tava tendo condições de dá tanta assistência que a gente precisava, por isso eu ah... eu, eu, eu dô todo, total valor a essa associação que hoje está ai mantendo a nossa banda.

ENTREVISTADOR: Sim, e o que é que o senhor acha que aconteceu de diferente, o que o senhor acha que melhorou depois que foi feito essa SODAU, essa associação? O que foi que mudou que ficou diferente da igreja que na opinião do senhor melhorou ?

ENTREVISTADO: Certo, com a associação... apesar de ser uma associação só pra a banda de música... não é uma associação ampla, ela é limitada, ela é so pra a banda de música, então é... temos também dificuldade... no tempo de... que foi criado a associação o presidente dela, o primeiro presidente dela foi o meu pai, eu me lembro dele aqui com muita dificuldade pra conseguir também recursos pra essa banda. Ele passava semanas e mais semanas escrevendo aqui, cartas pra os deputados, senadores, pedindo, pedindo ajuda pra essa banda. Eu me lembro que ele ainda conseguiu ainda com o deputado Mariz, na época Antônio Mariz, Marcondes Gadelha, Humberto Lucena, ele ainda conseguiu verba pra essa banda, e fez várias... várias coisas com essas verbazinhas que ele conseguiu. Muitas dificuldade, e naquela época era mais difícil ainda do que é hoje, já hoje é...os projetos que são feito ai através do, do, dos nossos componentes da banda mesmo ta conseguindo muita coisa pra banda, então hoje é muito mais prático, hoje a internet e as redes sociais estão ai ligados no mundo inteiro, a banda hoje ta recebendo mais incentivo... e graças a essa associação que tem esse crédito de... de esses benefícios. Então é louvável a... a associação e melhorou muito depois que, que a associação foi criada, melhorou muito porque realmente foi como eu já te falei, a igreja era

pobre, naquela época era mais pobre ainda, hoje a igreja já tá mais, mais... é... com recursos melhor mas mesmo assim nós não podemos mais contar com a presença da igreja mais por causa do administrador que nunca, foi muito bom pra nossa banda, ele nunca gostou de ajudar a nossa banda. Então, os antepassados foram melhores, inclusive o nosso padre Anacleto foi o melhor pra essa banda de música, ele... ele conseguiu muita coisa pra nossa banda, depois que ele entregou a igreja e faleceu, aí a banda... a igreja foi entregue a nosso padre Cleide e até hoje nunca deu um fardamento a essa banda de música, então é lamentável mesmo falar um negócio desse. Eu queria dizer... eu queria é elogiar ele através dos trabalho dele mas infelizmente ele nunca ajudou a banda de música, então, a SODAU é... um pivô dessa banda é a SODAU, é quem mantém essa banda é a SODAU graças a Deus.

ENTREVISTADOR: Certo... na época da Igreja, que a igreja era vinculada a banda senhor Saliege, por volta depois da reativação em mil novecentos e vinte e sete até mil novecentos e sessenta e seis o senhor acreditava que existia alguma forma da igreja preservar essa cultura? Porque a gente sabe que a música ela virou uma tradição aqui na terra de Uiraúna né? Então o senhor acredita que a igreja fazia por onde tentar preservar essa cultura, ela tentava ampliar, estimular?

ENTREVISTADO: Pablo, é porque naquela época quando começou, tudo começou, tudo era mais precário... eu, eu acredito que no tempo dos antepassados aí a igreja ela fazia a parte dela, ela levava a banda pra animar as festas da região... e fazia alguma coisa, mas não tinha, o incentivo também era pouco, não tinha muito condições de elevar o nome da nossa banda não, eu acho que era precário, na época não tinha essas condições. Hoje não, hoje poderia a banda tá mais... ativa, mais viva, mais infelizmente como eu já te falei, o nosso... a administração da igreja aí não... não valoriza a nossa banda, nunca valorizou... só quer mais a banda pra poder fazer um número lá dentro, não tem a gente como... como uns profissionais de valor, eles não valoriza... na verdade não valoriza.

ENTREVISTADOR: E após a criação da SODAU o músico passou a ser valorizado? A imagem da música, essa tradição da terra, a imagem musical ela passou a ter mais valor? Já passou a existir uma maior valorização da cultura musical aqui após a criação da SODAU?

ENTREVISTADO: Sim, agora é... a SODAU ela é mais um ponto de apoio pra manter a banda... e... a gente consegue alguma coisa com a SODAU pra manter o padrão da banda. A SODAU também não tem condições de fazer tudo que a gente quer também não, e qualquer

maneira a SODAU ela deu mais incentivo a banda... aos músicos ter mais gosto e tá no nosso grupo porque tem instrumentos de qualidade, instrumentos bons, tem escolas de música muito boa... professores excelentes, maestro excelente, e a banda tem tudo pra melhorar só que tá em crise agora devido o Brasil todo está em crise até mesmo a banda entrou em crise... mas acredito que essa crise tá passando e vai passar e vamos superar... e vamos organizar direitinho que aqui em Uiraúna nós temos músicos pra formar banda melhor que existe na região... só organizar de novo e começar de novo. Tá faltando apenas um diálogo com a turma toda, juntar essa turma e... e começar de novo pra botar pra frente, que o material humano está aí presente, tá falta só a gente.... é.... chamar essa turma e começar tudo de novo que tudo vai dar certo, vamos esperar que essa crise passe e essa turma jovem acabem com essas picuinhas de tá falando uma coisa e outra e vamos voltar a ensaiar e botar a banda pra frente novamente.

ENTREVISTADOR: Então a escola de música, ela no caso tem um papel muito importante em valorizar essa tradição... na opinião do senhor a escola de música ela... ela pode ser capaz de valorizar ainda mais a história da banda, essa formação de novas gerações, na opinião do senhor, a escola ela contribui pra essa valorização da música aqui na cidade de Uiraúna?

ENTREVISTADO: Com certeza Pablo, a escola é o ponto... ponto culminante de, de... de valorizar os nossos... nossos talentos. Através da escola que o professor vai descobrindo os valores e vai incentivando aqueles que... bons alunos, e prometendo que a coisa... um dia vai chegar a melhora. As coisa tudo é devagar... não... não se pode fazer as coisa de uma hora pra outra não, tem que ser com muito trabalho, muita conversa com a turma, incentivo... então tem tudo pra melhorar, a escola é o ponto, é o ponto ideal, pra, pra poder.... melhorar tudo. É através da escola que o aluno... é... cria sua personalidade... Então estou aqui, esperando que Uiraúna, que os jovens de Uiraúna, é... voltem pra banda de música. Tem muitos e muitos músicos em Uiraúna parado, tem que voltar pra poder recomeçar o seu trabalho e valorizar o seu... a sua profissão... então a escola é como eu já falei do começo, é o ponto... ponto ideal pra começar... e, e reativar tudo. Acredito que, que a coisa só melhora se... se tiver incentivo na, na... na escola, a escola é o ponto ideal.

ENTREVISTADOR: Tudo bem... o senhor teria mais alguma coisa a colocar?

ENTREVISTADO: Só agradecer sua presença aqui e... e dizer que estou aqui a disposição também... é... não tenho muito prática de entrevista e peço desculpa os erros... e agradecer novamente a sua presença, estou grato e a disposição aqui.

ENTREVISTADOR: Eu é que agradeço a colaboração do senhor, e obrigado!

ENTREVISTADO: Por nada.

Apêndice C: Entrevista com JUCELINO FERNANDES VIEIRA (14/10/2018)

ENTREVISTADOR: boa tarde, hoje estamos aqui com um músico da banda Jesus, Maria e José. O senhor Juscelino, ele é integrante da música e está colaborando pra pesquisa que vai ser apresentada no mês de dezembro para conclusão do meu curso. Então senhor Juscelino, qual o seu nome completo e a idade?

ENTREVISTADO: Juscelino Fernandes Vieira, eu tenho 60 anos.

ENTREVISTADOR: Então senhor Jucelino, que época o senhor começou a aprender música aqui na cidade de Uiraúna?

ENTREVISTADO: Eu tinha sempre um sonho, um sonho de um dia aprender música, sou de uma família que a música corre nas veias, ainda sou da família Capitão ainda, a família Fernandes, eu toda vida tive esse sonho, primeiro um irmão meu músico, fiquei com desejo danado de entrar em uma escola, naquela época, em 1975, foi quando eu iniciei em uma escola de música, era mais difícil, mais complicado, até porque não tinha escola pelo município, as escolas eram particulares, a gente pagava a mensalidade para aprender a música, embora a banda sendo vinculada a igreja, tenho a vinculação com a igreja, mas a igreja não disponibilizava de uma escola. Então, aquele que tinha um desejo enorme de aprender a música, como eu tinha um desejo. Eu ingressei em 1975 numa uma escola particular, cujo nome do maestro, já falecido, o professor Ariosvaldo Fernandes, que era o professor na época.

ENTREVISTADOR: Certo! E como era esse processo de aprendizagem? Seu Jucelino, quando o senhor ingressou na escola de música, como era metodologia que o professor usava, o que era interessante?

ENTREVISTADO: Ele usava o método, escrito manual por ele mesmo, primeiro ele escrevia, dava o método a gente para gente estudar, os valores musicais, é... aquela época tinha, você quando iniciava a aprender, saber, o que é música, quantas partes se divide a música, então era um método bem interessante, a gente estudava, e daí começava a bater o primeiros solfejos.

ENTREVISTADOR: Certo. Essa metodologia aí da época do senhor era a mesma metodologia usada quando a escola de música era da igreja? Era o mesmo tipo de metodologia? Como era... os mesmos professores?

ENTREVISTADO: Não... Eu num, num... de 75 atrás, eu não me recordo muito bem, até porque a história conta que , aaa é... o professor ensinava por prazer, por amor e a gente gratificava o professor, como eu te falei a pouco, que a gente pegava a mensalidade mensal só para poder aprender a música porque não tinha aula nem pelo município e nem pela igreja já que a banda era vinculada a paróquia Jesus, Maria e José. A gente se doava por si próprio, tirando do bolso pra aprender a música e depois que a gente aprendia, a gente ia servir a igreja, servir o município, muitas das vezes gratuitamente, só por amor.

ENTREVISTADOR: Entendo. É, senhor Jucelino, o senhor acredita que por parte da igreja daqui de Uiraúna existia um processo de conservação de valorização da música?

Entrevistado: A igreja ela deu um ponta pé inicial porque na época da sua fundação foi a igreja, até que eu lembre, na história, o ponto que eu sei que a igreja foi que deu o ponta pé inicial criando então aaa, fundando então a banda com o nome Jesus, Maria e José. Mas a igreja não evoluiu muito bem na parte aprendizagem, não tinha professores custeados pela igreja, os pastores não davam incentivo, aqueles mesmos músicos que iniciaram foram ficando mais velhos, aí então aqueles que queriam se ingressar tinham que custear para aprender, para não deixar a batuta cair e na verdade é o que a gente tá vendo até hoje. A batuta não cai porque o Uiraúna é também considerada a terra dos músicos e a música corre nas veias de todo uiraunense.

ENTREVISTADOR: Certo, e assim, em relação às histórias que o senhor ouvia quando era mais novo, dos músicos mais antigos também, assim depois que houve a criação da SODAU em 1966, o senhor acredita que melhorou em relação ao que era antes a escola de música? A valorização dos músicos, o senhor acredita que melhorou depois que foi feita a SODAU?

ENTREVISTADO: Eu não diria que melhorou e nem também que piorou a SODAU foi a associação que ela contribuiu bastante, ela deu uma evoluída para não deixar cair porque naquela época a criação da SODAU, tinha várias verbas que eram adquirida através de políticos, senadores, deputados e arranjavam verbas, subsídio para manter a banda em termos de instrumentos, material pra, como é que se diz?... quando um instrumento de danificava tinha que ter um professor para poder pegar aquele instrumento e recuperar, precisava de dinheiro. Então o maestro da época, ele teve, como é que eu diria? ... a felicidade de conseguir a SODAU que é uma associação, por sinal ela vem sendo mantida até hoje. A SODAU a gente tem ela como um encosto muito bom, que se puder e tivesse algum incentivo, parte

financeira, alguma coisa... nós estamos aí com a SODAU uma boa ferramenta para isso, ela não conseguiu destruir nada, ela vem conseguindo manter essa tradição musical no Uiraúna, através da SODAU, o resto é dúvida.

ENTREVISTADOR: Certo, a gente sabe que a SODAU disponibiliza de uma escola de música hoje em dia que é também financiada pela prefeitura em apoio com a SODAU que tem, foi feita a criação dessa escola de música pra aqueles alunos que tem interesse em aprender a música, em questão da escola de música da SODAU, o senhor acredita que ela, qual a opinião do senhor que ela tem de positivo ou de negativo, ou se ela é capaz de manter viva essa tradição, o senhor acredita que essa escola de música é capaz de manter viva essas tradições da música aqui em Uiraúna?

ENTREVISTADO: Ahhh, com certeza, isso aí não há dúvida nenhuma, a escola musical hoje comandada pela prefeitura municipal, ela tem, ainda só não acabou nossa tradição por conta dessa escola, tem o professor diariamente ensinando, não falta aluno, o pessoal sempre querendo aprender a arte porque música é cultura, se é cultura, Uiraúna como é a terra dos músicos ninguém pode deixar cair essa cultura e a escola só veio engrandecer cada vez mais a nossa cultural.

ENTREVISTADO: Então agradeço a colaboração do senhor, Jucelino, tenha uma boa tarde, obrigado.

ENTREVISTADO: Uma boa tarde para você, felicidades, boa sorte, eu espero que tenha lhe ajudado em alguma coisa aí e tenha feito alguma coisa certa, se não a gente pode voltar mais uma vez, não há problema, mas com certeza eu pude dizer de tão concreto e verdadeiro, foi o que eu falei para você, tá certo?

ENTREVISTADOR: Ok, obrigado!

ENTREVISTADO: Por nada!

Apêndice D: Entrevista com JOSÉ NIDIVAL DE QUEIRÓZ (Biguá) (10/11/2018)

ENTREVISTADOR: Bom dia, estamos aqui no dia 10 de novembro, estou aqui com a presença do senhor conhecido como Biguá, ele é um dos músicos da banda Jesus, Maria e José. Bom dia, senhor Biguá, o senhor pode falar seu nome completo e sua idade hoje?

ENTREVISTADO: Meu nome é José Nidival de Queiróz, conhecido como Biguá, sou filho de Uiraúna, sou componente ainda hoje, sou músico aposentado da banda Jesus, Maria e José há 32 anos faço parte da banda Jesus, Maria e José, mas hoje sou aposentado, comecei na banda como aluno, o professor foi Ari Osvaldo Fernandes e naquele tempo como menino correndo atrás da banda Jesus, Maria e José e comecei aprender música com o professor Ariosvaldo Fernandes foi meu professor de música e meus primeiros passos foi com ele, primeiros compassos e com ele eu aprendi a música e entrei na banda 02 de dezembro e comecei, toquei muitos anos na banda 02 de dezembro e a banda 02 de dezembro acabou, aí eu entrei na banda Jesus, Maria e José, ainda até hoje eu tô lá, aposentado, mas ainda tô lá, fazendo parte até hoje.

ENTREVISTADOR: Certo.

ENTREVISTADOR: E o que foi que mais influenciou o senhor a entrar nesse mundo da música?

ENTREVISTADO: Foi com incentivo dos meus amigos, eu tinha um grupo de amigos que via a banda tocar e junto com meus colegas, como Getúlio de Ana, João Bosco de Zé de Duba e outros mais e via a banda tocando do meio da rua e a gente no meio da rua olhado e dizia: “vamos aprender música?”, “Quem é o professor?” “É Ariosvaldo Fernandes”. Aí deu aquele incentivo da gente ver a banda passar no meio da rua, a gente como menino, a gente deu aquele incentivo de ver a banda tocar e a gente disse: “vamos aprender música pra gente entrar no meio da banda para gente ser músico também, não vamos só ir atrás da banda não, vamos ser músico também”, pra provar que nós somos filhos de Uiraúna que é terra dos músicos e sacerdotes, vamos pra lá por meio também e assim foi, a gente criou esse incentivo e a gente está lá no meio da banda, e hoje faz 32 anos que tô lá.

ENTREVISTADOR: E como era esse ensino de música da época do senhor, Biguá? O senhor pagava para ter essas aulas de música, era gratuito? Pertencia a quem essa escola, quem era que organizava essa questão da escola de música?

ENTREVISTADO: A escola de música Ariosvaldo Fernandes, a gente pagava na época 5 cruzeiros na época, 5 reais a ele, as vezes a gente não tinha nem condições de pagar, mas ele era muito bom com a gente, ele tinha aquela força de vontade da gente aprender a música, a gente não tinha condições de pagar por mês, chegava o mês e a gente não tinha o dinheiro, e a gente chegava para ele e dizia: “Ariosvaldo, a gente não tem o dinheiro, não vou mais não, não tenho o dinheiro para pagar o mês, vou mais não.” Aí ele dizia: “Não. Pode vim, quando você pegar no dinheiro você paga”. Ele incentivava a gente e voltava lá de novo, as vezes a gente não pagava e ele sempre dava incentivo a gente, as vezes um mês, dois meses de graça ele deixava a gente estudar, sem a gente pagar, deixava passar direto, sem a gente pagar o dinheiro a ele. E assim a gente continuava, estudar sem pagar mesmo. Quando tinha o dinheiro a gente pagava, quando não tinha, a gente estudava de graça mesmo, a gente tinha vontade de formar aquela bandinha.

ENTREVISTADOR: Então senhor Biguá, como funcionava essa questão da banda Jesus, Maira e José, quando o senhor já integrou a banda Jesus, Maria e José, como era que funcionava essa questão dos contratos, das tocadás, a banda ainda continuava tocando na igreja, tinha os contratos fixos, tocava uma vez e outra, como funcionava?

ENTREVISTADO: Quando chegava o período da festa de janeiro, havia as reuniões da comissão da festa e padre chegava pra o maestro e contratava a banda e a gente ensaiava e tocar a festa quem pagava era a padroeira, pagava a banda e a gente ia tocar durante nove noites, tocava alvorada, tocava salmo, tocava os novenários e as três noites de quermesse, tocava a procissão, aí o valor naquela época era mínimo, era um valor pouquinho mas a gente tocava, a banda tinha o nome Jesus, Maria e José, a gente ia tocar a festa, a gente também não ligava muito o dinheiro não, a gente queria se apresentar mesmo, não ligava quantidade, contratava e a gente ia por vontade mesmo.

ENTREVISTADOR: A única festa que a banda tocava era essa festa de janeiro ou tinha outras tocadás pra igreja durante o ano, tinha alguns outros contratos?

ENTREVISTADO: Ah, sim, tinha era quando era 1º de maio a banda sempre tocava, no derradeiro de maio a banda sempre tocava, mas hoje não existe mais isso não, não toca mais não, tocava na procissão, nosso senhor morto, tocava, mais hoje não existe mais isso não, a banda não toca mais não, acabou-se.

ENTREVISTADOR: Certo. Em que período foi, o senhor ainda lembra em que ano foi que o senhor integrou a banda Jesus, Maria e José?

ENTREVISTADO: Rapaz, isso aí, eu pelo menos não tenho na cabeça não, não decorou ano não, porque a gente saiu da 02 de dezembro e dei continuidade na banda Jesus, Maria e José, não sei o ano não, sai da 02 de dezembro e entre na Jesus, Maria e José e continuei, não sei o período que entrei na banda Jesus, Maria e José.

ENTREVISTADOR: A gente sabe da influência da música aqui na cidade de Uiraúna, conhecida como terra do músicos e sacerdotes, então tem essa influência da questão cultural, da questão musical aqui na cidade e para o senhor, na sua opinião, o que mantém viva ainda essa tradição, essa cultura aqui na cidade de Uiraúna, a gente também ver que ainda existe uma escola de música que quem toma conta dessa escola de música é a SODAU, juntamente com a prefeitura, mas na opinião do senhor, o que mantém ativo essa tradição, essa cultura na cidade de Uiraúna, o senhor também acredita que a escola de música ela tem algum incentivo pra ainda continuar mantendo também essa tradição, essa música?

ENTREVISTADO: Eu acredito que se não fosse ainda esses professores de música aí pela prefeitura, existe muita criança aí que anda aprendendo aí, então os professores, como Junior, né?! Geraldo Junior que músico por aí, Helton, Blínio, que tem as escolas da fanfarra, é um incentivo grande que ainda existe porque Uiraúna hoje pelos menos é cheio de músicos nesses colégios. Ontem eu ia passando, um rapazinho ia com o instrumento, eu parei ele ali e disse: “rapaz, vem cá”, perguntei a ele que instrumento é esse, aí ele disse: “é um sax barito”, aqui em Uiraúna de primeiro o caba nunca via, eu mesmo na minha época eu ia pegar o instrumento na casa de um amigo meu que era músico pra e chamava ele para emprestar e trazia para minha casa para aprender, e hoje no meio da rua todo mundo anda com um instrumento da mão, outro é com um saxofone, outros com trombone, hoje tá vendo o incentivo ainda da prefeitura e dos maestros que ainda tá ensinando a música, tá havendo ainda um incentivo do poder municipal.

ENTREVISTADOR: Ok. E para o senhor, na sua opinião, senhor Biguá, por que a banda Jesus, Maria e José, o que que essa cultura musical representa na cidade de Uiraúna como tradição, como cultura, a banda Jesus, Maria e José é importante na cidade?

ENTREVISTADO: A banda Jesus, Maria e José é uma banda conhecida em todo sertão paraibano, é conhecida mundialmente porque quando a gente fala na banda Jesus, Maria e

José é conhecida mundialmente, pelo menos os filhos ausentes que moram por aí no mundo, nos países aí a fora, quando fala na banda Jesus, Maria e José é um coisa mais conhecida que tem no mundo aí, pesares dos pesares que hoje está sendo meia decadente, mas a banda tá em pé ainda, se contratar ainda a banda para tocar, fazer uma tocada, os músicos estão tudo aí ainda, tudo vivo. Agora tá faltando um incentivo da questão de músico não querer ensaiar, a questão de não ganham, antigamente a prefeitura pagava os músicos, os músicos ganhavam antigamente, 30 músicos eram pagos pela prefeitura, hoje não existe mais, hoje só existe 5 músicos que é pago pela prefeitura e os outros músicos aprendiz não ganha mais para aprender, é por conta própria, questão de cada um, se houve um interesse de cada um para aprender por conta própria, não existe mais o músico aprender para ganhar dinheiro. Vou ser músico para ganhar tanto, tô ganhando tanto, hoje não existe mais.

ENTREVISTADOR: Mas na sua opinião, o que o senhor sente quando falamos da banda Jesus, Maria e José, o que a banda Jesus, Maria e José representa para você?

Entrevistado: A banda Jesus, Maria e José, representa, é um cartão postal, é um coisa que traz para mim, para todos filhos de Uiraúna, uma coisa cultural que leva o nome de Uiraúna lá fora, eu acho que a banda Jesus, Maria e José não pode se acabar tão cedo, é o que leva o nome de Uiraúna lá fora, não pode tá do jeito que está, tem que aparecer uma coisa para levar o nome de Uiraúna lá fora, como é conhecida e tem que continuar como ela era antigamente.

ENTREVISTADOR: Tudo bem, então agradeço a cooperação do senhor, o senhor teria mais alguma coisa a colocar?

ENTREVISTADO: Não... queira só agradecer a você e desculpe aí alguma coisa que não chegou a sua altura, e alguma coisa que não tiver certo, você corte aí e deixe o que tiver certo, o que você puder fazer aí faça e o que não puder você corte.

ENTREVISTADOR: Ok. Então tenho um bom dia, obrigado seu Biguá.

Apêndice E: Entrevista com Francisco de Assis Lima (João Melão) (24/11/2018)

ENTREVISTADOR: Bom dia! Hoje estamos aqui na presença do baterista da banda, o músico João Melão, conhecido como João Melão e ele tá cooperando aqui para nossa entrevista para realização da monografia que vai ser defendida no dia onze de dezembro. Então bom dia senhor João Melão, primeiramente o senhor podia me informar o seu verdadeiro nome, o seu nome completo?

ENTREVISTADO: Meu nome é Francisco de Assis Lima

ENTREVISTADOR: Francisco de Assis Lima... e quantos anos o senhor tem hoje senhor Francisco?

ENTREVISTADO: Eu tenho... eu vou completar 65 anos no dia dez de dezembro

ENTREVISTADOR: Então senhor Francisco, assim... o que foi que incentivou o senhor a integrar na musica, nessa vida música na carreira com a banda Jesus, Maria e José?

ENTREVISTADO: Quando eu era pequeno... uns 6 ou 7 anos eu já ouvia a banda tocar e tinha muita curiosidade de entrar sabe... aliás eu acompanhava a banda m todos os cantos e minha mãe até me xingava, me batia por que tava acompanhando banda... “vai estudar que é muito melhor” e não sei o que, ai eu dizia não mas eu tava acompanhando um negocio bonito e não sei o que ai ela me perdoava, ai foi o que me incentivou sabe... talvez você vá perguntar até isso: qual era o instrumento que eu queria tocar?, ai eu vou logo adiantando, eu no começo eu sonho em tocar trompete... o pistom né, achava muito bonito. Era dois instrumentos, era o trompete ou o trombone, só esses dois, palheta não ... ai eu era novo e na escola Jovelina Gomes eu estudava lá e muitas vezes eu perdia aula e meu pai brigava comigo “esse menino só quer saber de banda, vai estudar pra ser alguém no futuro, um doutor... negocio de banda não dá sustência a ninguém não, não tem nem carteira assinada não tem nada”, ai eu disse não pai... e mamãe sempre me defendia dizia “deixe ele que isso é coisa da adolescência dele ai depois ele vai”. Ai quando a banda ia ensaiar na sede da banda de noite né, ai eu ia mas não entrava na sede, eu lembro né... é, a sede só tinha uma porta e um janelão e eu ficava ali curioso sabe...ai quando eu chegava em casa eu começava a bater, juntava umas latinhas de doce, ai juntava uma, duas, três, quatro, cinco, ai ficava batendo ai o povo dizia “esse menino passa o dia batendo nessas lata, ele não cansa não?” ai ele disse “nam, ai é o jeito dele, eu já tentei dar um sacode nele mas ai a mãe dele defende

ele e não sei o que” ela dizia “ a... deixe o bixim que ele tem curiosidade, isso é uma fase” mas eu ia sempre aos ensaios sabe, e tinha uns dias que eu fugia para ir os ensaios que minha aula era de tarde, era de uma as cinco ai, ai eu fugia para ir nos ensaios e chegava em casa e sete, oito hora. Ai disseram... disseram lá a dedé de capitão e Ariosvaldo né.. ai Rsimundo era o tarolisa da época né, um tarolista primeira ele ai eu comecei a me interessar pela bateria “ rapaz a bateria é bonita e cativante, puxa o rítimo dos outros instrumentos né” ai eu comecei a ficar interessado em tarol, ai bateria eu disse não tem como agora né, ai disseram a Dedé de Capitão, ai Raimundo de Maria Alice ia pra Patos parece e Cassimiro que é tio dele parece queria que ele fosse pra Natal para ele estudar lá ai botaram pé de mêm, pé de mêm é família ainda de... de Galiza né ai ele não era tão bom não, era bonzin né e eu tava curioso, ai alguém tava passando e ouvindo ali na rua né ai disse “Dedé tem um menino ali na rua que ele promete ser um bom baterista viu” ai ele disse “quem é?” ai ele disse “é o filho de Mané Arruda, se chama João Melão” ai ele disse que já ouviu falar de João Melão, “ai ele gosta muito e fica batendo o dia todim, só para quando o pai manda ou a mãe dele manda pra almoçar, aquilo é ligado em bater” ai eu tava lá batendo né... ai disseram a Ariosvaldo e ele disse “Ô mais eu já ouvi falar nele viu Dedé” com aquele jeitão dele né, “porque você não chama ele?” ai não sei se dá certo, ai eu era encabulado e disseram lá “ei Dedé mandou chamar tu” e ai eu disse “ quem disse?” ai disseram “ sei lá mas Dedé mandou chamar você” ai eu “vou nada, isso é conversa” ai eu não fui nãoai de vez enquanto ele mandava me chamar, ai em outro dia eu tava estudando e eu tinha parado de ir aos ensaios né, que tinha mandado me chamar né, ai foram bater lá em casa chegou ele e Ariosvaldo e mamãe atendeu né, ai bateram palma né e papai tava trabalhando, ai mamãe “oi seu Dedé tudo bom?” ai ele disse “cumade seu filho ta ai?” ai “ tá é o Assis né?” ai ele disse “ a... eu conheço ele por João Melão né” (o entrevistado ri) “é, o apelido dele é esse mesmo mas meu filho eu chamo por Assis mas colocaram esse apelido e ficou né” e ela disse “vamo entrar... o senhor quer um cafézim?” ai ele disse “não o negócio aqui é rápido” eu fui e disse ôpa bom dia, tudo bom? Ai ele disse “você é o João Melão ?” ai eu disse colocaram esse apelido né (risadas) esse apelido pegou mais que catarro ai “é mermo, catarro quando pega... mas é o seguinte, João Melão eu ouvi falar de você e que gosta muito de bater em lata de doce, você quer entrar pra banda de música, a banda de música Jesus, Maria e José” ai eu disse “se eu pudesse eu entrava mas eu não tenho condições” ai ele disse “têm... você tem condição, você tem agilidade pra bater nesses negocio, e você não vai entrar tocando agora, você vai ter uns aprendizados lá e ensaiar com seu instrumento, e se quiser você trás pra casa pra praticar... mas não esquecendo os estudos, ai você vai ensaiar

mas não esqueça os estudos não que os estudos é o principal, ali é... é uma diversão, uma recriação, um divertimento mas não é assim uma segurança de futuro... porque você fica na banda e futuramente eles pegam e vão para o Rio... você vê o caso de Eudin, dos músicos que já saiu ai... tiquinho e tão ai a gente sabe que saíram da banda, eles conheciam música, se envolveram com música e entraram na banda do corpo de bombeiro, na banda da policia... você quer ir?” ai eu disse eu vou mas não posso ir assim pra dizer que eu vou tocar, eu acompanho a banda e sei como é os dobrados mas não sei como é a prática.... ai ele disse” não mas não tem problema não, hoje tem ensaio, vá lá hoje a noite, eu vim convidar você com Ariosvaldo, vá lá pegar no ensaio lá” ai eu fui, ai quando a banda começava o ensaio de sete horas e ia até oito, oito e meia, nove hora, ai eu fui, mas cheguei lá na banda não, eu deixei a banda e fiquei lá naquela esquina né ai deixei eles ensaiar lá, eu fiquei encabulado. Ai começaram ensaiar, e disseram ”cadê ele pra ensaiar, ai ele tá la na esquina, tá encabulado com vergonha” ai estavam ensaiando dois corações ai quando repetiu de novo ai eu fui chegando sabe... sentei lá naquele canto ali onde é a marcenaria, ai disseram “ele tá ali, ei rapaz venha cá” ai eu fui me aproximando “aqui não tem bicho pra comer tu não” ai os músicos me receberam muito bem “e ai João Melão tudo bom? Vai entrar na banda e ser um músico né?” ai eu disse “não sei quem vai dizer é o maestro se tem condição né” ai fui... peguei lá, ai ele disse ”ai, você não vai tocar agora, você vai praticar, porque você é novato e não conhece as músicas direito mas você vai” ai ele disse “pegue o instrumento” e eu não sabia, todo desengonçado, não sabia como pegava ai Ariosvaldo disse “chegue pra cá rapaz, eu vou le ajeitar” e me deu as baquetas e eu tentando e eu pegava as baquetas e batendo né e eu todo desengonçado não dava de jeito nenhum, e caia de minha mão e eu apanhava, ai eles diziam “ a... mas ele ta nervoso eu tô entendendo” ai Ariosvaldo disse “vocês tão falando demais, quer que o menino toque o dobrado agora é ? ”ai ele disse toque ai qualquer coisinha que você sabia e eu toquei uma batucada né (imitou o som das batidas) batia e batia e ele disse” você bate assim mas não é assim, ai ele me ensinou “você pega aqui e nessa outra aqui, porque se você não pegar aqui você não tem como bater andando desse jeito, tem que bater no meio” ai eu disse tá bom, ta bom “ ai ele disse “uma salva de palmas pra ele” ai todo mundo batendo palma e disse que ta bom, no início é assim mesmo... com o tempo você vai né... ai bateram palma lá e disse “senta ai, sente na cadeira” ai eu disse que não, lá fora eu acho melhor e ele disse que não, era melhor aqui dentro pra você ver os dobrados que nós tamo tocando, então eu sentei la e ele disse “ bora, terminar dois corações” ai depois partiram pra Raimundo Oliveira, os dobrados que a banda toca antigamente né, é... José da Rocha, colegas de arte... e eu ouvindo tudim né... e foi até nove e pouco. Terminou e ele

disse “olhe tem dois tarol aqui né Dedé? Tem um ali dentro que não é muito bom não mas pra ele praticar é bom... né bom levar logo não? Ai você vai levar o tarol e as duas baquetazinha e faça como Ariosvaldo ele ta dizendo ai, “é pra bater no meio, não bata assim não que... assim é bom pra bateria que ‘pega firme mas aqui tem que pegar assim” ai fui levei pra casa, eu fui treinando, fui treinando, fui treinando, e eu ia pra escola e voltava e não saia de casa muito não, ai “Dedé e cadê o menino?” ai “nam ele tá lá, deixe ele lá a vontade, quando ele tiver vontade ele vem né” ai pronto, ai fui coisando...e no primeiro ensaio rapaz, foi uma negação, não dei nada, nervoso, e os dobrados era conhecido, era dois corações também eu sabia de cabeça, mas você sabe, na primeira vez né mas depois fui me envolvendo e me envolvendo e consegui.

ENTREVISTADOR: Ai gostou, e o senhor continuou seguindo com a música né?

ENTREVISTADO: Foi, ai eu dei certo e ficou bom né “ai você é um músico bom agora vai começar a praticar”, ai Ariosvaldo “ ai você agora via praticar a tocar caixa andando, você não sabe tocar caixa andando sabe?” eu não sei, não sei dar nem um passo (risos) “você vai batendo aqui, ai você vai como se fosse desfilando... não tem o colégio lá, o colégio ai você vai... vai na marca do surdo e no pé direito e batendo o que você souber lá na caixa né” Ai eu fui pegando e fui pegando e ficava com Ariosvaldo, ele me dava as instrução lá e fui pegando...

ENTREVISTADOR: Então na opinião do senhor o professor Ariosvaldo era um bom professor? Ajudou muito no desenvolvimento do senhor?

ENTREVISTADO: Ótimo, ótimo, ótimo e aliás quando Ariosvaldo... quando eu comecei a pegar o instrumento que era pistom e trombone, ele... eu fui la na casa dele sabe, pra mim aprender os solfejos tudim, “dó, ré, mi, fá...”eu eu aprendi tudim os solfejos tudim. Mas rapaz, mas... bati os compassos tudim que ele mandava “você tem uma cabeça boa danada, agora o problema meu é a embocadura... eu nunca tive boa embocadura e pistom principalmente, é a minha paixão... não encaixava rapaz, eu botava aqui e o bicho saia apertado e não saia som saia só o ar (imita sopro no instrumento) e ele disse “não rapaz, bote... apoie o bocal e fique fazendo... bom, sair o som de pistom nas notas” mas ele deu o instrumento pra mim pra levar pra casa “tem um pistom, você quer aprender? Caixa você já sabe, quem sabe você não aprende aqui e vai para o trombone ou o pistom”, mas eu passava o dia todim e ó, com isso aqui duido rapaz, duido com bucado de sangue rapaz e não saia de

jeito nenhum, ai eu disse “Ariosvaldo... não da pra mim não, não vou quebrar minha cabeça não... já tô com mais de dois mês que eu tô com o instrumento e não emboco de jeito nenhum rapaz” ai ele disse “não rapaz, tem músico que é assim mesmo que não emboca de jeito nenhum... sabe ler tudo a partitura direitinho mas quando vai tocar ai não sabe de jeito nenhum... se perde, não encaixa de jeito nenhum. Você não tem vontade de mudar para outro instrumento não ? clarinete...” não não palheta eu não gosto não... eu gosto de pistom ou trombone “e o tuba?”(risadas) avemaria esse é que é pesado... eu com aquele bicho nas costa... eu maguinho desse jeito o vento me leva... e ele achou graça... ai ele disse “não tá certo... já que você não da pra... e você disse que não quer...” não, eu quero mas agora não dá né... eu vou ficar no tarol mermo “é você fica no tarol... futuramente você passa pra bateria né...”. Ai foi no tempo que Raimundo entrou... eu era amigo dele demais... eu pra casa dele lá e “ não, não a mamãe fica preocupada” ai ele “não... eu mando mamãe deixar o recado” ai mandava “não eu tô aqui na casa de Raimundo naquela ruazinha ali perto dos correios... “não seu mané ele tá aqui comigo... se preocupe não que eu vou ficar com ele aqui que ele ta pegando uns negócios aqui de bateria aqui, quando for mais tarde eu vou com ele lá na casa do senhor...” “ah então tá certo, então pode ficar à vontade”, e eu ficava lá e almoçava, e lanchava de tarde e brincava lá com ele... a e era bom demais. Ai eu sai... e eu tocava já muitos anos e tocava... “você já domina ai o tarol e tudo... e você vai ficar na banda e tocar bateria pra tocar carnaval né... e tocar assim esses negócio de festa né, mas era muito difícil... era mais carnaval né, dia 7... o dia da cidade, e se preparava para festa de janeiro e depois vinha o carnaval e você pega e você vai...”. Ai outro baterista que entrou também foi Geraldo de Toca, ele tocava trompa mas ele tocava bateria no carnaval... as vezes ele tocava tarol né mas era muito ruim, não tinha jeito não... ele dizia “rapaz eu não sei como que tu tem essa agilidade não, é incrível de domar essas baquetas assim... eu não consigo de jeito nenhum, as minhas mãos aqui fica tudo duro não sei o quê... carnaval eu ainda toco porque o rojão é muito ligeiro mas tarol eu não dou pra tarol não” e quem tocava... o baterista era eu... ai Raimundo botou eu pra ser ajudante dele sabe...ajudar ele na bateria, e como era? Era depois do intervalo, ele iniciava sabe... os frevo lá tudim e tocava até duas horas, até duas e meia e eu era no surdo sabe, mas só era batendo surdo e eu tocava bem direitinho e bombo... “ai você vai pegar na bateria pra depois do intervalo” que no intervalo né as pessoas já cansadas né, uns vão embora... ai eu pegava ia na bateria. A rapaz mas os caba dizia que quando eu pegava na bateria a orquestra se transformava demais... era outro ritmo era outra... um entusiasmo que tocava né, era bom na bateria mesmo, ai deu vontade de tocar porque deu um dom na bateria mesmo, segura mermo não tem esse

negócio de tá amarrando e ele toca como se fosse disparado mermo, só precisa dar uma recuada que toca como se fosse disparado. Ai foi me aconselhando como era... os breque, marcha, samba ai tudo... ai pronto , fiquei até hoje (risadas).

ENTREVISTADOR: Ai quando o senhor entrou na banda Jesus, Maria e José mesmo, como eram as primeiras tocadadas que o senhor participou, onde foram? Era pra igreja ou era desfile, carnaval... como foram as primeiras tocadadas?

ENTREVISTADO: É... as primeiras tocadadas da banda que eu participei foi na festa de janeiro... tinha a festa de janeiro e a banda ia né, tinha alvorada e chamava, e participava... Raimundo já tinha deixado a banda né, tinha ido pra Natal e fiquei como tarol... ai depois tinha o dia sete de setembro né, e no dia 7 tinha uma polêmica danada porque a diretora era Lurdinha Bastos, dona Lurdinha lá do Jovelina Gomes, ai era uma disputa porque a banda no dia 7 ela raramente tocava aqui... tinha desfile mais era pela manhã sabe, ai os desfile a banda tocava e o Jovelina Gomes desfilava também né, e lá quando era pra ensaiar lá no Jovelina gomes era eu né, lá tinha os tarol da escola lá do estado do município, e eu tocava, e eu colocava mesmo os caba lá que não sabia ai eu dizia “é assim” ai fazia para os colegas da escola né ai a diretora dizia “olhe, é Assis que vai comandar ai, ele toca na bada e vai orientar vocês ai, vocês faz o que ele disser” ai eu ensinava tudim, os menino batia mas só da minha orientação sabe... (imita om som dos instrumentos em desfile) ai ficava batendo la na escola sabe, ai depois nós saia na rua e eu ensinando os menino. Ai quando foi rapaz, no dia 7 ai eu... a banda ia tocar em Sousa, era muito chamada pra Sousa e era de manhã também ai a banda falava pra o prefeito ir, e o prefeito dizia ‘é vai tocar... mas tem que ter uma...’, “não mas eu divido a banda... uns menino ai da pra tocar e eu levo o grosso”... ai era pra eu ir, ai tinha o colégio e disse “você não vai não” ai eu dizia “dona Lurdinha eu tô ai nas mãos da senhora, pela lei é pra eu tocar ai pela escola né, mas pra ganhar dinheiro né...” ai o maestro “mas rapaz, quem foi que disse que você não ia ?” ai eu disse “a diretora”, “pois eu vou falar com ela”... ai “não, Francisco não vai não porque ele é aluno da minha escola Dedé, eu quem comando ele”... “mas ele toca na banda e a senhora não paga a ele, a senhora paga?”, “não, não pago não porque não tem nada ali pra pagar... já é tudo limitado... eu não posso pagar, eu tenho ele como meu aluno e pergunte a quem quiser se o direito não é da escola...” e era dela né, porque eu comecei lá, e ai a banda veio depois, “mas ele vai comigo porque eu não tenho tarol lurdinha, não tenho tarol... a banda vai só com o bombo e surdo?... ele já ta na banda e já participou da festa de janeiro e já sabe como é direitinho e tudo, ele é quem vai...” ai ficou pra lá e pra cá e pra lá e pra cá e no final do

tempo ai ela muita beleza deixou um caba lá no meu lugar e ela com uma raiva de Dedé maior do mundo “mas eu não tô com raiva de você não meu filho, é porque você é a atração do colégio e é você que todo mundo vai pra olhar e a bateria com aquelas evoluções... e tirar você assim é um baque danado” ai eu disse “não dona Lurdinha mas da pra tocar, e se eu chegar a tempo...”, “que chegar a tempo Assis, como é que você chega a tempo... o desfile começa oito hora e você vai lá tocar alvorada e sai de lá bem doze e meia” e demorava tinha o café ai vinha o almoço e o pessoal gostava muito da banda e pedia para tocar frevo e terminava e ia para as casas e era a maior competição, e no fim deu tudo certo e ficou... eu depois sai do colégio e tudo e fiquei só na banda mesmo.

ENTREVISTADOR: Então com os ensinamentos que o senhor tinha lá na banda de música, lá na escola de música, você já estava repassando para os seus colegas de escola para eles poderem tocar no desfile?

ENTREVISTADO: Justamente, eu quem passava la pros meninos, ai eu dizia “olhe eu vou sair, eu não vou ficar aqui permanente e vocês vão aprendendo o que eu vou fazendo aqui, que eu não aprendi não foi sozinho não, foi através de outra pessoa né que me ensinava e me orientava... vão pegando o que eu tô dizendo que um dia vocês serão igual ou melhor do que eu”... “ah igual você não tem não” ai eu disse “tem, tem... o negócio é lutar rapaz...não se conquista nada sem luta não né, como é que eu ia saber que eu ia tocar na banda se não viessem me chamar, se não viessem me orientar... eu ia tocar na banda sem ter uma orientação, se não sabia nem pegar nesses negócio ai nessas baquetas...” e ele disse “é mermo” e eu disse “é homi tem que batalhar... as vez não dá certo num dia e vai no ôto, e eu fui assim, não cheguei e já fui tocando não, me perdia e caia baqueta da minha mão e eu apanhava, e ia pra cá e pra lá e eu apanhava e errava nos dobrados, e Dedé mandava eu parar e começava de novo e fui aprendendo...” ai deixei um caba lá não sei o nome dele, que ficou no meu lugar ai pronto ai tomou de conta lá... e mora fora hoje, ai deixei a escola e fiquei na banda até hoje.

ENTREVISTADOR: Ai senhor... é... a gente vê também que antigamente a banda tinha poucas condições né, não tinha muitas condições de fazer as reformas nos instrumentos e nas baquetas... e quem era que ajudava essa banda de música ? Foi feito a SODAU né, criada a SODAU no ano de 1966, ai quem era... existia doações? As pessoas doavam dinheiro? como funcionava ?

ENTREVISTADO: A SODAU era um convênio né, era um convênio em Brasília que Dedé de Capitão arrumou com Antônio Mariz, que foi prefeito e foi deputado também né, i ele gostava muito da banda e a banda sempre tocava a festa de senhora Santana lá em Sousa e vinha um bocado admirar e ele vinha com a esposa e os filhos, e quando terminava a santa missa que tinha... ia pras quermesses né, aqueles pavilhão lá e ele achava muito bonito... ele foi prefeito muitas vezes de Sousa e colocava as cadeira para ele lá e a mulher e os filhos e ficava lá admirando... em Sousa tinha uma banda mas não era... tava engatinhando, era boazinha mas não era como a banda de Uiraúna que era carimbada né... ai ná época ele disse “ não rapaz, eu não sou deputado não, eu sou candidato mas eu conheço muitos deputados lá... vocês escreve lá o... como é SODAU tudo direitinho e escrito, e faça um documento que eu ajunto uma verba pra banda todo ano e foi né... ai Dedé tomou conhecimento com Exedito Gomes, Tiquinho... pra arrumar instrumentos né as vez ele dizia “o instrumento é esse, esse e esse ai ele mandava pra Antônio Mariz e ele mandava para um membro da SODAU lá em Brasília sabe, chamava a FUNARTE... fundação de arte não sei o que Nacional...ai vinha a pele... naquele tempo ainda não existia pele, era couro... couro de..., de vaca e carneiro, pra colocar em tarol e bombo não existia dessas de hoje não, ai pra arrumar esses couro, que é bem peludo né era Antônio Jacinto que cuida de bode lá, que ai ele matava o bode né ai tirava o couro, espichava ai era com couro e ão tinha nada não... lavava e deixava de molho pra escaldar... era um trabalho danado ai tinha que deixar secar e colocar no instrumento e quem fazia isso era xicão que tocava pandeiro e e Dedé conhecia ele e ele disse “eu não seu botar não Dedé, eu faço eu corto os couro e tudo direitinho deixo tudo limpinho a pelezinha mole, passa a noite todinha de molho pra colocar no bombo e colocar no tarol pra você colocar” ai ele disse” naõ, pois faça esse negócio” ai ele comprava a Antônio Jacinto e comprava num tambozão de óleo sabe ai botava água e botava cal pra amulecê o couro raspava os cabelo... ai deixar bem molinha pra quando for botar né...ai levava pra casa e passava a manhã todinha e colocava o aro e depois colocava as tarraxas ai vai coisando e arregulando... nera apertando não porque se apertar toda ai quando ele secar... ai era só pra segurar pra pele não sair do lugar e quando secar bem ai você regula né... a esteira do mesmo jeito no tarol, você bota só quando ele tiver bom... ai você bota lá como deve botar lá ai você estica, deixa ele lá e quando a pele secar ela sobe, e do jeito que ela sobe ela fica pegado na esteira né ai pronto você regula ali... você vai apertando o couro e as tarraxas e vai regulando na esteira... mas era tudo pela FUNART.

ENTREVISTADOR: Que mandava essa verba para a SODAU... mas a questão assim... das fardas, calçados... existia também alguma doação dos filhos da terra e outras pessoas?

ENTREVISTADO: Sobre as fardas rapaz foi engraçado... no início as fardas era, era a doação tudo do comércio, era os comerciantes... era padre Anacleto naquele tempo ele saia atrás dos comerciante e os comerciantes davam com prazer... faziam o orçamento de quantos músicos era e quantas fardas eram né, e as vez não vinha nem pronta as fardas quem ajeitava era Constantino, que tocava pistom né Dedé ia lá “ói conseguimos ali” no armazém que ali ta fechado né comprava ali, contava quantos retalho era ai comprava e mandava cada um ir lá em Constantino que era amigo dele sabe, e Dedé pode trazer, mande os músicos tirar as medidas da calça e da camisa né...” túnica também ai ele fazia bem direitinho, ná época quem fazia o fardamento era ele, o tempo foi passando, passando.. João Claudino vinha muito aqui, gostava muito da banda de música, nera?! Ele disse “nam eu mando lá de Teresina”, tira as medidas de todos os músicos, já sai toda prontinha, desde essa parte a gente é amigo, aí pronto pegou essa amizade... João Claudino, mas era feita no começo, agente recadava sabe, ele dizia “dar para comprar essa roupa?”, “dar”, aí ia lá falava com o gerente lá, era família do capitão Ermínio, “faça um preço bom no fardamento”, era caro, mas era muito, aí a gente faz um abatimento aqui, faça isso aí que é para banda de música e fomos comprar 3, 4 fardamentos foi dado pelo comércio. Padre Anacleto começou aí dizia que os comerciantes não estava mais conseguindo, aí depois passou para João Claudino.

ENTREVISTADOR: Certo. Aí senhor João Melão, o senhor começou a criar um gosto pela música, aí o senhor criou uma paixão, como foi que aconteceu, o senhor começou a se identificar com música, via aquela coisa bonita, ganhava fardamento, viajar pra fora, qual era a emoção do senhor?

ENTREVISTADO: Eu achava bom demais, a banda ia tocar fora, aqui mesmo mandava vestir o fardamento, eu achava bonito. Mamãe dizia: “Ihh tá parecendo um artista”, aí me ajeitava todim, “dar uma voltinha aí pra eu ver”, “tá bem bonitinho”. “Deixa eu ajeitar aqui direitinho”, ajeitava uma coisa no braço arrumava um botão que tava solto aqui, o sapato direitinho..., “ande direitinho rapaz, ande mais ereto, tá andando meio encurvado” ai ficava... “tá bom muito bem dá pra tocar... tá sabendo tocar?” eu dizia eu tô aprendendo né (risadas) ela achava graça “tá bom muito bem, vá com Deus” ai eu ia... e ela ia até assistir quando era aqui dentro da cidade no dia 7 alguma coisa ai eu tava desfilando e ela mandava bater foto ai

ia lá naquele tempo o caba batia foto ai dizia “eu quero quatro”, “tá bom vou mandar revelar” e naquele tempo era preto e branco naquele tempo não tinha cor né... ai eu tinha o maior prazer demais em tocar, e tá indo pra cidade pra fora eu achava bom e me sentia bem... ai eu fui pegando gosto rapaz e disse agora eu tô na banda. Ai um dia rapaz eu precisei tirar os documentos, e pra tirar os documentos rapaz tinha que fazer... levar o registro dos documentos ai... o meu irmão foi pra São Paulo o mais velho e disse “mamão manda Assis pra aqui, ele é de menor ai tira os documentos aqui e se emprega aqui... ai não tem futuro não, ele tá na banda mas a banda... é bom que ele é jovem mas não tem futuro, mande ele pra lá que eu tenho uns conhecidos que trabalha em fábrica lá e empresa e eu arrumo uma colocaçãozinha pra ele, quando ele tirar os documentos! Se não eles não pega sem documentos né” e lá não tinha negócio de concurso era só o pistolão como chama... fala com um colega lá... ai ela chegava perto de mim ai terminava o café ai minha mãe disse “Assis você não tem vontade de ir pra São Paulo não ?” pra onde, onde titico mora? “sim, tem não?... vá home pra São Paulo”, “mas e aqui a banda?”, “a banda você já tocou tantos anos o carnaval e tudo... tá certo que você ganhou um dinheirinho mas é dinheiro que você acaba logo” e eu dava... eu não tinha vício nem nada e dava pra mamãe, dava uns trocadinho para um negócio, e no carnaval também eu pegava o dinheiro dava pra comprar um negócio pra casa, ai ela dizia “mas em São Paulo é melhor você vai ver coisas novas e modernas” tentando me convencer né, me convencer pra me conquistar... “titico mandou te buscar, disse que quer levar você e se quiser ir é uma boa seu pai também apoia” e eu digo “e meus estudos?” disse “não... titico deve conhecer alguma escola por perto lá no bairro lá e quando você tirar pos documentos tudim né...” ai eu fui pra São Paulo, ai chgando em São Paulo rapaz eu fui ver ai eu fui tirar a reservista que com a reservista você tira todos os documentos né... profissional, o título os negócio tudo né, ai quando eu me inscrevi pra tirar a reservista ai um caba lá disse ‘olhe vocês vão se apresentar lá estádio xioravante e argolino que é lá na saída que vai pra, pro lado de campina... santo André sei lá, eu só vi porque o meu irmão foi comigo... ai eu fui né e tinha um médico lá ai ele dizia “não, tá tudo bem ta tudo em ordem e tinha uns que tava doentes também... ai dizia “olhe os que vestiram isso aqui vão ficar aqui que vai ter uma entrevista aqui e os outros estão dispensados ai vão receber as reservistas depois também vão receber. Ai na hora lá eu não tinha dispensado, ai eu fui dizer que era músico ai disse “você é da onde?” ai pergunta né... ai eu disse “é da Paraíba”, ai “que cidade da Paraíba?” ai “é lá do Uiraúna nos confins do Rio Grande do norte”, ai ele disse “eu já ouvi falar de Uiraúna, é perto de Sousa né?” ai eu “justamente, cá de Sousa tem uma estrada de asfalto que é uma buraqueira pra chegar lá” ai ele perguntou “e você tocava em que?” ai eu disse “eu tenho

muita pixão por uma banda lá e me interessava pela bateria, tocava tarol...” ai ele “você toca tarol?” ai eu “toco”, e esses cabras eram prevenidos viu eles tinha tudo, no carro lá que eles tem que tava com os negócio de medicina, os bisturi lá ai o cabo piscou o olho para o outro ai eu disse “ai boa coisa não vem não para mim” (risadas) ai lá vinha rapaz um caba com um tarol e as baqueta na mão... ai ele disse “sabe o que é isso ai?” i eu disse “sei”, ai “não é um tarol não é uma caixa lá da banda do quartel, você sabe tocar isso ai?” ai eu disse “não, se é do que eu penso então pra tocar não tem diferença não... me dê os dois pau pra tocar” ai eles acharam graça... ai “toque ai um negócio ai” ai fiz um rufo lá e os caba cochichando “ele tem uma habilidade danada, olha o rufo que ele faz “ai dizia “toque mais um pouco” e eles achava tão bonito e tão bom...e eu já tava lá a meia hora, quarenta minutos e eu doido pra sair já e eles “não, espera ai rapaz toque mais”, e tinha um caba gravando lá no gravador escondido pra mostrar os caba lá do quartel e eu fazendo os rufo lá né, “e como é que toca o carnaval?” e eu (imita o som dos ritmos de bateria no carnaval) ai ele disse “você quer ir pro exercito?” ai se eu tivesse dito sim, ai eles ainda dá um ponto de dizer pra te dispensar mas se você disser que não... ai eu fui pelo contrário a vontade dele ai eu disse “olhe eu não tenho vontade de ir pro exercito não”, “ah e você não gosta do exercito não?” ai eu disse “não, eu acho bonito mas eu militar nunca quis não... eu toco numa banda civil aquele negócio mas eu não tenho vontade não...” ai o caba olhou pra mim e disse “pois você vai viu?” e eu tremi logo (risadas) “você vai” e eu disse “tudo bem” e eu fui recrutado para ir pro exercito só porque eu era músico né e fui tocar numa banda marcial lá, e tinha a banda principal que puxava o batalhão lá no pátio e o hasteamento da bandeira todo dia, todo dia, todo dia, e eu tomava o café ai vestia a farda e ia lá pra sede e ficava escutando os disco de vinil os hasteamentos da bandeira que tocava na época, o hino nacional, canção da infantaria e os músicos tocava perfeito viu... tinha um caixa lá de cruzeiro, da cidade de cruzeiro, ô caixa bom rapaz era primeira, o caba dominava a caixa demais e era dessa largura a caixa era... era pele demais e do outro lado eu fui olhar a esteira e era assim... bem fininha rapaz era o mesmo que batia numa madeira (imita o som) e a dele quando batia chega era (imita o som)... tinha as outras mas a dele né, era especial era só pra profissional, ele era profissional, tocava pela pátria... ai queria me ensinar, ele disse “pegue ai nessa caixa ai” ai ele disse “você é bom de caixa em” aqui tem uma escola pra você aprender ai eu “home eu quero ficar só um ano mesmo” ai ele disse “home não diga que você quer ficar só um ano não que depois você diz que quer ficar ai eles ajeitam pra você, e arrumam uma desculpa ai...e diga que você não tem vontade de sair não e que acha bom e não sei o que e não sei o que”, ai eu fiquei lá e servi um ano no exercito.

ENTREVISTADOR: Ai o senhor passou um ano só como músico?

ENTREVISTADO: Era, quando era a apresentação da fanfarra pra puxar a banda ai era... da banda marcial que chamava, ai era seis caixas... seis caixas, quatro surdos, três bombo, e três prateleiro... era bem trinta componentes, só a banda marcial, a banda do exercito mesmo era uns sessenta a setenta componentes... quando batia era uma coisa grande rapaz no desfile, e a gente também se apresentava, mandava chamar a banda e o batalhão ia pra puxar as bandas também e era um volume de som que parecia que parecia que ia derrubar a cidade de tanto bumbo, tanta caixa, de tanto tarol. Ai foi e quando me chamaram pra entrevista que chama a pessoa quando vai dar baixa “Francisco de Assis Lima” e eu “presente” ai sentava lá e “olhe tá se aproximando a baixa, a baixa é em dezembro... você quer ficar no exercito?”, “olhe é igual a eu disse na outra vez ao capitão lá e me obrigaram a ficar, “mas não, aquilo ali era porque você é músico e a gente tava precisando de músicos na banda mas se você quiser ficar tudo bem mas se não quiser tudo bem também” ai eu disse “olhe na verdade eu tô com saudade da minha terra, principalmente do meu pai e da minha mãe, e eu tinha uma namorada lá”, ‘ah as namoradinhas né” (risadas) ai eu disse “não, nada não mas também tem os meus amigos né, a banda de música que eu quero ver como é que tá que eu gosto muito dela, Jesus, Maria e José” e eles “e ainda existe?”, “ah lá não acaba não rapaz, lá é a terra dos músicos e dos sacerdotes” ai eles “olhe seu Francisco, é o seguinte, nós vimos aqui o cadastramento dos músicos da primeira companhia, e vimos lá que lá tem poucos músicos... poucos não... poucos soldados com habilidade pra ficar no quarte e só fica aqueles que é pra ficar né, já pra efetivar no quartel como soldado da banda mesmo... soldado do exercito músico, você não quer ficar não ?” e eu digo “olha, eu não tenho vontade não”, “mais home, olhe aqui não é na opressão, né na opressão não você vai se quiser mas aqui a gente quer o melhor para a pessoa, e você é um soldado bom, tem um comportamento bom e não sai pra beber” porque tinha uns caba que saia lá pra beber e eu passava o dia lá no quartel distraído ali, tinha as revistas pra você ler e assistir uns filmes né, e eles “home pense, o seu futuro tá aqui, lá você pode conseguir um emprego... você vai bem recomendado daqui mas pense ai Assis, o seu futuro tá aqui” ai eu disse “eu vou pensar”, “pois nós damos vinte e quatro horas pra você pensar, e amanhã o tenente vai lá saber de você e ele vai com uma proposta pra você” e até ai tudo bem ai eu voltei pro quartel e fiquei lá de guarda mesmo esse tempo, com o fuzil... ai chegou um amigo meu lá e disse “olhe eu vim lhe chamar porque o sub comandante pediu” ai eu fui, eu cheguei e me apresentei lá e ele disse pra sentar ai ele disse “olhe, nós analisamos o seu perfil e nós tamo com uma proposta pra você, essa é a ultima e se você não quiser tchau tchau, bai bai...

“você fica aqui no exercito seis meses como soldado, ai depois de seis meses ai você já entra como cabo do exército... você entra como cabo do exercito músico, você não vai mais tirar guarda nem nada, você vai só aprender música aqui dentro, que tem uma escola de música aqui e dominar o instrumento... você vai só aprender o solfejos como é que bate tudo direitinho” ai eu disse que não, “não quer? É o seu futuro... pense, ai a fora tem umas vantagens mas depois você passa dois, quatro anos numa firma ou seis ou dez e aqui não, você vai ficar aqui até se aposentar e até morrer se quiser” e eu “não mas eu não tenho vontade não, eu quero ir pra Uiraúna... “apois tudo bem, a gente vai ter que perder um músico como você, músico de primeira do comportamento bom, todo mundo gosta de você e você fala com todo mundo, mas muito obrigado... a gente queria dar um futuro melhor pra você mas você não quer” e naquele tempo era na ditadura, era ferro mesmo mas nesse ponto ai eles era mais né... não ia obrigar o músico a querer... “nós fizemos aquilo porque você era recruta né mas agora você já é um homem formado” ai pegou na minha mão e no meu braço e me desejou tudo de bom e paz “qualquer coisa se você quiser voltar você tem um ano, um ano se você quiser ainda ai a gente aceita mas depois disso já é demais... pois vá com cuidado” ai eu ia ser militar, cabo do exercito, não quis por minha culpa... hoje eu estaria aposentado, e tinha né... só recebendo dinheiro. Ai pronto ai eu vim pra cá né ai voltei... ai dedé veio me visitar ai ele disse “e ai já ta embocando?” (risadas) “nós viemos aqui que disseram que você já tinha chegado e fizemos essa visita né pra dizer que a porta tá aberta pra banda Jesus, Maria e José... foi um prazer revê-lo e qualquer coisa...” mas depois eu voltei, voltei pra São Paulo, que lá eu tinha deixado uma reserva boa né no banco Bradesco ai eu disse “mamãe eu vou embora, a banda tá aberta ai mas não dá nem pra mandar um dinheiro pra vocês né e lá eu não compro muita coisa, e tenho meus irmãos com saudade de mim lá e eu tenho minhas coisas lá tudo direitinho... e vocês são tudo pra mim mas vocês tão com saúde né... um dia eu vou voltar e vou ficar com vocês até o fim, mas por enquanto eu vou” ai eu fui passei um tempo mas voltei, ai me encontrei com Dedé ai ele “bem vindo, eu soube que você chegou” ai eu “foi rapaz, eu cheguei quarta feira “apois sábado tem ensaio, a noite viu”, mas rapaz os ensaios aqui tava concorrido viu, era gente menino era gente e ninguém podia entrar não porque praticamente ali a frente da sede ficou fechada ai Dedé disse “olhe meninos você não vão poder entrar não porque só tem um ventilador ali dentro e não dá pra arejar todo mundo que fica um negócio sufocado e abafado, vocês tem que ficar mais distante.

ENTREVISTADOR: E quando fala da banda de música Jesus, Maria e José que é um símbolo de cultura aqui da cidade de Uiraúna... o que é que significa a banda para o senhor ?

ENTREVISTADO: Rapaz... a banda é, é um exemplo de tradição né, sempre que eu tocava lá em São Paulo ai diziam: ei essa banda que você tocava lá como é o nome dela? e eu “é a banda Jesus, Maria e José... é o nome da paróquia lá que é Jesus, Maria e José...” ai perguntavam né e eu tinha uma noção mais ou menos e dizia que foi os cearenses que criaram um negócio lá e que gostaram da cidade, eram músicos e formaram uma bandinha lá com os instrumentos que o padre arrumou, e que era o padre que coordenava a banda. Não tinha salário não, a gente ia por amor mesmo porque gostava mesmo e quando tinha uma festa a banda ia e não ganhava nada” e as vezes eu tocava lá e tinha uma comida e bebida mas não tinha salário pra banda, era por amor mesmo. E tinha essa tradição da banda Jesus, Maria e José e uns foram saindo e outros foram entrando e foi se mantendo essa tradição e até hoje está se mantendo né, são quase todos os músicos da cidade, não tem nenhum músico de fora... só tem assim quando chama porque gostam da banda ai eles vem mas, é próprio os músicos são da banda Jesus, Maria e José. E foram surgindo outras bandas lá, as bandas marciais e as bandas sinfônicas mas a banda mesmo, a tradição mesmo é na banda Jesus, Maria e José... e eu gostei. Naquele tempo a banda não tinha mulher e hoje em dia já comporta mulher, e tem mulher que já toca na banda e é uma banda que tá sempre em renovação né, a banda não toca só dobrados... toca músicas populares, roberto Carlos... é uma banda boa.

ENTREVISTADOR: Pois é senhor João Melão então eu agradeço a colaboração do senhor, e vai ser muito útil. O senhor tem algum ponto a colocar? algo que o senhor queria acrescentar?

ENTREVISTADO: Não, eu só queria dizer que foi muito boa a entrevista e gostei... você é um menino bom e fiquei feliz com a entrevista. Recomendo a todos que forem músicos que não deixem a banda né... vai chegando o tempo da aposentadoria deles e vão para outros lugares com melhores salários mas nunca esqueçam a banda porque a banda... eles foram nascidos na própria banda de música... porque muitos músicos estão hoje ai nessas cidades a fora ai, mas eles saíram daqui músicos né, e tudo foi da banda Jesus, Maria e José e sempre tinha uma apresentação e hoje os músicos são muito conhecidos, a tradição de Uiraúna é muito conhecida... e nunca esqueça a banda porque a banda é o conteúdo e a tradição de Uiraúna.

ENTREVISTADOR: Com certeza.

ANEXOS

Anexo 01: Termo de consentimento de Geraldo Moisés de Andrade

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Tradição na "Terra dos músicos e sacerdotes": um estudo sobre a preservação cultural da Banda de Música Jesus, Maria e José da cidade na década de 1914 a 2000, que tem como objetivo fazer um estudo sobre a cultura musical da cidade e sobre a história da banda Jesus, Maria e José, que é um sinônimo de tradição ainda viva na cidade de Uiraúna. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Uiraúna, sua história local e de sua cultura e particularmente sua história de tradição musical.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Geraldo Moisés de Andrade, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 28 de Novembro de 2018.

Geraldo Moisés de Andrade

Assinatura do (a) participante

Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anexo 02: Termo de consentimento de José Saliege da Silveira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Tradição na "Terra dos músicos e sacerdotes": um estudo sobre a preservação cultural da Banda de Música Jesus, Maria e José da cidade na década de 1914 a 2000, que tem como objetivo fazer um estudo sobre a cultura musical da cidade e sobre a história da banda Jesus, Maria e José, que é um sinônimo de tradição ainda viva na cidade de Uiraúna. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Uiraúna, sua história local e de sua cultura e particularmente sua história de tradição musical.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, José Saliege da Silveira, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 28 de Novembro de 2018.

José Saliege da Silveira

Assinatura do (a) participante

Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anexo 03: Termo de consentimento de Jucelino Fernandes Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Tradição na "Terra dos músicos e sacerdotes": um estudo sobre a preservação cultural da Banda de Música Jesus, Maria e José da cidade na década de 1914 a 2000, que tem como objetivo fazer um estudo sobre a cultura musical da cidade e sobre a história da banda Jesus, Maria e José, que é um sinônimo de tradição ainda viva na cidade de Uiraúna. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Uiraúna, sua história local e de sua cultura e particularmente sua história de tradição musical.

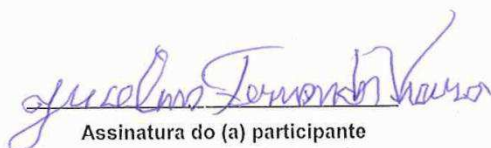
As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

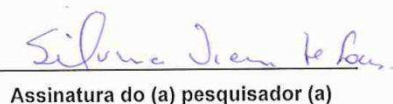
Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Jucelino Fernandes Vieira, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 28 de Novembro de 2018.


Assinatura do (a) participante


Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anexo 04: Termo de consentimento de José Nivaldo de Queiróz

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Tradição na "Terra dos músicos e sacerdotes": um estudo sobre a preservação cultural da Banda de Música Jesus, Maria e José da cidade na década de 1914 a 2000, que tem como objetivo fazer um estudo sobre a cultura musical da cidade e sobre a história da banda Jesus, Maria e José, que é um sinônimo de tradição ainda viva na cidade de Uiraúna. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Uiraúna, sua história local e de sua cultura e particularmente sua história de tradição musical.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, x José Nivaldo de Queiróz, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, ____ de _____ de _____.

x José Nivaldo de Queiróz

Assinatura do (a) participante

Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anexo 05: Termo de consentimento de Francisco de Assis Lima

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Tradição na "Terra dos músicos e sacerdotes": um estudo sobre a preservação cultural da Banda de Música Jesus, Maria e José da cidade na década de 1914 a 2000, que tem como objetivo fazer um estudo sobre a cultura musical da cidade e sobre a história da banda Jesus, Maria e José, que é um sinônimo de tradição ainda viva na cidade de Uiraúna. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Uiraúna, sua história local e de sua cultura e particularmente sua história de tradição musical.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Francisco de Assis Lima, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 28 de Novembro de 2018.

Francisco de Assis Lima

Assinatura do (a) participante

Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do (a) pesquisador (a)